

UNIVERSIDADE FEEVALE

CAROLINA CZARNOBAI BENVENUTI

**OS ANIMAIS E O TURISMO: UMA REFLEXÃO SOBRE O
USO DOS ANIMAIS COMO ATRATIVIDADE TURÍSTICA**

Novo Hamburgo

2018

CAROLINA CZARNOBAI BENVENUTI

**OS ANIMAIS E O TURISMO: UMA REFLEXÃO SOBRE O
USO DOS ANIMAIS COMO ATRATIVIDADE TURÍSTICA**

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado como requisito necessário
para a obtenção do grau de Bacharel em
Turismo pela Universidade Feevale.

Orientadora: Prof.^a Me. Rosi Souza Fritz

Novo Hamburgo

2018

Carolina Czarnobai Benvenuti

Trabalho de Conclusão de Curso de Turismo, com o título **“Os animais e o turismo: uma reflexão sobre o uso dos animais como atratividade turística”**, submetido ao corpo docente da Universidade Feevale, como requisito necessário para a obtenção do Grau de Bacharel em Turismo.

Aprovado por:

Prof.^a Me. Rosi Souza Fritz

Professora Orientadora

Prof.^a Me. Alexandra Marcella Zottis

Banca Examinadora

Prof.^a Dra. Roswithia Weber

Banca Examinadora

Novo Hamburgo, junho de 2018.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais Sandra e Luis porque sem eles nada na minha vida faria sentido e nem seria possível. Eles, que sempre me deram amor infinito e incondicional. Não poderiam existir melhores pais para mim no mundo.

Agradeço à minha família: vó Laura que, nos seus últimos momentos aqui, presenciou o começo deste trabalho e que sei que de onde estiver estará olhando e cuidando muito de mim;

Vô Elzir, que é meu segundo pai, e que me dá muito amor e carinho, do jeitinho lindo que só ele tem (e nem sabe); e Nona Lourdes, que sempre cuidou com muito carinho para que eu me tornasse a pessoa que sou hoje, e que espero que esteja muito orgulhosa de mim, onde estiver.

Agradeço também a todas as outras pessoas da minha família que sempre acreditaram em mim e souberam que eu tinha capacidade de chegar aonde cheguei e ir além.

Agradeço aos meus amigos, que foram pacientes comigo, que não deixaram de me amar e que estiveram ao meu lado em cada momento dessa jornada.

Agradeço aos meus professores, que despertaram em mim a vontade de crescer e aprender muito a cada dia que passa. E, em especial, à minha orientadora Rosi, que foi paciente comigo, em todos os momentos, e foi quem me instigou a ir atrás do que eu realmente quero e ainda conseguiu me mostrar que sou capaz de alcançar tudo o que eu quiser.

“Os animais existem por suas próprias razões. Eles não foram feitos para humanos, assim como negros não foram feitos para brancos ou mulheres para os homens.”

Alice Walker

RESUMO

O turismo é uma atividade em constante crescimento que pode provocar mudanças socioculturais nas comunidades receptoras, gerando, de certa forma, impactos que podem ser irreversíveis. Dessa forma, esta pesquisa tem por objetivo geral refletir sobre o uso dos animais em atrações turísticas. Os objetivos específicos buscam investigar a percepção dos turistas em relação à utilização de animais como atrações turísticas; contextualizar Turismo e Entretenimento; descrever o uso do animal na história até os dias atuais; caracterizar os principais animais utilizados em atrativos turísticos; descrever as práticas da utilização animal em atrações turísticas; verificar junto aos turistas a percepção em relação às atrações que utilizam exploração animal. O problema da pesquisa visa responder o seguinte questionamento: os turistas, ao visitarem atrações que utilizam animais, percebem a utilização como exploração ou como entretenimento turístico? Quanto à metodologia, esta pesquisa utilizou o método exploratório e descritivo, com abordagem qualitativa e procedimentos técnicos como: pesquisa bibliográfica, documental e de campo. A pesquisa de campo foi realizada com 150 turistas que já assistiram ou realizaram atividades turísticas que utilizem animais. Os resultados da pesquisa permitiram constatar que a maioria dos entrevistados já assistiram espetáculos com animais em zoológicos e aquários, sendo que as atividades mais realizadas pelos turistas envolvendo animais são: passeios com cavalos, pôneis, burros, jegues e jumentos. Percebe-se, também, que o turista está ciente do uso indevido do animal.

Palavras-chave: Turismo Científico. Entretenimento. Animais. Turismo Cultural.

ABSTRACT

Tourism is an activity that is always increasing, it can result in sociocultural changes in the community, bringing, in a certain way, irreversible consequences. In this way, this research has as general objective reflect the animal use in touristic attractions. The specific objectives try to investigate the perception of the tourists regarding animal use in touristic attractions; contextualize Tourism and Entertainment; describe animal use in the history until the present day; characterize the main animals used in touristic attractions; describe the practice with animal use; verify with the tourists the perception regarding attractions that explore animals. The question this research seeks to answer is: the tourists, when visiting attraction that use animals, realize the use as exploration or touristic entertainment? In regard to the methodology, this research used the exploratory and descriptive method, with qualitative approach and technical procedures as: a bibliographical research, documental and a field study. The results of the survey showed that the main part of the tourists had already attended to shows with animals, but the percentage of people performed activities with animals was lower. We could also notice that the most common places for tourism with animals are zoos and aquariums, and the most activity performed by tourists involving animals are riding horses, ponies and donkeys. It was also noticed that the tourist is aware of the misuse of the animal.

Keywords: Scientific Tourism. Entertainment. Animals. Cultural Tourism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Dentes da baleia Tekoa (Loro Parque)	28
Figura 2 - The Kiss	33
Figura 3 - The Dorsal Tow.....	33
Figura 4 - Interação com Arraias	36
Figura 5 - Projeto TAMAR, Praia do Forte	39
Figura 6 - Passeio de Elefantes, Forte Amer - Jaipur, Índia.....	43
Figura 7 - Passeio de Dromedário, Natal - RN	46
Figura 8 - Festa do Peão de Boiadeiro.....	48

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Gênero dos pesquisados.....	56
Gráfico 2 - Estado Civil dos pesquisados.....	57
Gráfico 3 - Idades dos entrevistados.....	58
Gráfico 4 - Nível de Escolaridade dos entrevistados.....	58
Gráfico 5 - Quantidade de entrevistados que assistiram espetáculos com animais	64
Gráfico 6 - Porcentagem de entrevistados que realizaram atividades turísticas que utilizam animais.....	69
Gráfico 7 - Locais onde os turistas assistiram atividades com animais	71
Gráfico 8 - Percepção do turista em relação a atividades realizadas com animais em destinos turísticos.....	74

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Cidade de residência dos entrevistados.....	60
Tabela 2 - Atividade profissional dos entrevistados	61
Tabela 3 - Cidades/Países onde os turistas assistiram atividades e espetáculos com animais	65
Tabela 4 - Local onde os entrevistados realizaram atividades com animais	69
Tabela 5 - Atividades com animais realizadas pelos entrevistados.....	72
Tabela 6 - Quantidade de entrevistados que concordam, ou não, com o uso dos animais no turismo	73

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 OS ANIMAIS COMO ATRAÇÃO TURÍSTICA	13
1.1 TURISMO E ENTRETENIMENTO	13
1.2 TURISMO CULTURAL E CIENTÍFICO	16
1.3 PRÁTICAS DE ENTRETENIMENTO UTILIZANDO ANIMAIS	21
1.4 CONDUTA PARA O USO DE ANIMAIS NO TURISMO	22
2 ANIMAIS EM ATRAÇÕES TURÍSTICAS	24
2.1 ANIMAIS MARINHOS	25
2.1.1 As Baleias	25
2.1.2 Os golfinhos	29
2.1.3 As Arraias	35
2.1.4 As Tartarugas Marinhas	38
2.2 ANIMAIS TERRESTRES.....	40
2.2.1 Os Elefantes.....	41
2.2.2 Os Camelos e Dromedários.....	44
2.3 EVENTOS E EXPOSIÇÕES COM ANIMAIS	46
2.3.1 Rodeios	48
2.3.2 Carruagens e Charretes com tração animal	51
3 METODOLOGIA	53
4 RESULTADOS.....	56
5 INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA.....	78
CONSIDERAÇÕES FINAIS	81
REFERÊNCIAS.....	84
APÊNDICE	92

INTRODUÇÃO

Em um contexto contemporâneo, existem diversas práticas turísticas e de entretenimento que envolvem animais. Como exemplos, podem-se citar os passeios de elefante na Tailândia, o andar de camelos no Marrocos, o nadar com golfinhos no México e até shows com baleias nos parques temáticos.

De acordo com um estudo da WildCRU, *Wildlife Conservation Research Unit*¹, da Universidade de Oxford, acerca dos animais nas atrações turísticas, com base no site *TripAdvisor*, constatou-se que uma média de 110 milhões de pessoas no mundo visitam atrações turísticas com animais silvestres anualmente (WILDCRU, s.d.). A maioria desses animais são espécimes da fauna nativa ou exótica que, ao serem retirados do seu *habitat* natural e colocados em convívio com a presença do ser humano, apresentam dificuldade para crescer e se reproduzir em cativeiros (WWF BRASIL, s.d.).

Outro aspecto diz respeito ao fato de o turismo ser uma atividade em constante crescimento, podendo provocar mudanças socioculturais nas comunidades receptoras. De certa forma, já que tais mudanças podem afetar todos os seres vivos, elas acabam gerando impactos que podem ser irreversíveis.

A respeito dessas questões envolvendo animais, tem-se o tema da pesquisa, o qual trata sobre Os Animais e o Turismo, e como delimitação do tema Os animais como atração turística.

A escolha desse tema se deve ao fato de a pesquisadora ser adepta da opção de alimentação vegetariana - segundo a Sociedade Vegetariana Brasileira (SVB, 2017), trata-se do regime alimentar que exclui todos os tipos de carne - e, também, por ser contra qualquer tipo de exploração animal. Entre outras motivações, há o fato de o número de estudos sobre esse assunto ser reduzido; além disso, como acadêmica de Turismo, a pesquisadora se deparou com diversos tipos de entretenimento, em roteiros de viagens, que utilizam os animais como atratividade.

¹ Unidade de Pesquisa em Conservação da Vida Selvagem (tradução nossa).

Em decorrência desse enfoque, o estudo tem como objetivo geral refletir sobre o uso dos animais em atrações turísticas. Os objetivos específicos buscam investigar a percepção dos turistas em relação à utilização de animais como atrações turísticas; contextualizar Turismo e Entretenimento; descrever o uso do animal na história até os dias atuais; caracterizar os principais animais utilizados em atrativos turísticos; descrever as práticas da utilização animal em atrações turísticas; verificar junto aos turistas a percepção em relação às atrações que utilizam exploração animal.

O problema da pesquisa visa responder o seguinte questionamento: os turistas, ao visitarem atrações que utilizam animais, percebem a utilização como exploração ou como entretenimento turístico? Como hipótese, acredita-se que os turistas não percebem como exploração animal, e sim como um entretenimento por se tratar de algo que se tornou comum em ambientes de recreação, como circos e atrações turísticas em diversos destinos.

A metodologia caracteriza-se como pesquisa exploratória e descritiva, com abordagem qualitativa. Os procedimentos técnicos utilizados foram a pesquisa bibliográfica, documental e de campo junto a 150 turistas que já assistiram ou realizaram atividades turísticas que utilizam animais.

O estudo divide-se em cinco capítulos. No primeiro capítulo, são utilizados os autores Pinheiro (2013), Barretto (2001), Trigo (2003), Dias (2011), Dencker (2015), Oliveira (2015), Panosso Netto e Ansarah (2015), Sanders e Feijó (2007), entre outros, os quais fazem uma introdução sobre o que é Turismo e Entretenimento, Segmentação Turística, Turismo Cultural e Científico. O segundo capítulo, intitulado “Animais em atrações turísticas”, mostra o uso do animal na história - desde o uso como tração, passando pela domesticação, até o uso como entretenimento, englobando os casos de animais em cativeiro - e, também, discorre sobre o efeito que os turistas causam nesses animais. Nesse capítulo, tem-se como base Pereira (2009), Beretta (1988), Rose (2011), Hughes (2000), Martinez (2015), Needham e colaboradores (2017), Newsome e Rodger (2008), Baptistotte (1992), Kontogeorgopoulos (2009), Köhler-Rollefson (1991), Nowak (1991), Felizola (2011), entre outros. O terceiro capítulo traz a metodologia do estudo, os questionamentos aplicados e as respostas obtidas. No quarto capítulo, é feita a interpretação dos

resultados obtidos nas pesquisas usando o referencial teórico como base. No quinto e último capítulo, as considerações finais do presente estudo são apresentadas.

1 OS ANIMAIS COMO ATRAÇÃO TURÍSTICA

Os animais vêm sendo utilizados no turismo de várias formas, seja como meios de transporte, ou ainda, são capturados na natureza para serem exibidos e utilizados como entretenimento em parques. Sobre essas questões, o seguinte capítulo irá contextualizar o turismo e seus segmentos, bem como o lazer e o entretenimento, para que seja possível compreender o uso do animal no turismo desde sua primeira aparição.

1.1 TURISMO E ENTRETENIMENTO

Existem várias conceituações sobre o turismo que o consolidam como um dos mais importantes fenômenos provocados pelo ser humano, tendo em vista, principalmente, sua capacidade de oportunizar o contato entre diferentes culturas. As experiências que são produzidas podem melhorar a compreensão entre os envolvidos, sejam esses os turistas ou as próprias comunidades que os recebem. Há também o cuidado que se deve ter com os princípios de sustentabilidade dessa intervenção (PINHEIRO, 2013).

Desenvolvimento sustentável implica conciliar melhoria econômica, assegurando a futuras gerações recursos semelhantes aos que dispomos hoje. Para isso cabe prezar pela preservação ambiental e dos patrimônios histórico-culturais, ou seja, optar por novos padrões, dentre os quais, um estilo de vida menos consumista (PINHEIRO, 2013, p.3).

Barretto (2001) traz o conceito do economista Hermann von Schullern Zu Schatternhofen, que em 1911 descrevia que turismo compreende diversos

processos, principalmente os econômicos, os quais podem ser observados quando o turista chega em um determinado local, durante sua permanência e, posteriormente, quando este vai embora do destino escolhido. Já em 1929 surgiram outras definições como, por exemplo, a de Schwink - da escola berlinesa – que classifica o turismo como sendo o movimento de pessoas que temporariamente saiam de suas residências para outros locais, com motivos como o de estabelecer outras conexões para o corpo e o espírito ou relacionados a aspectos ligados às suas profissões.

Com o passar dos anos, muitas outras definições foram criadas e uma bastante utilizada por autores é a de Oscar de La Torre:

O turismo é um fenômeno social que consiste no deslocamento voluntário e temporário de indivíduos ou grupos de pessoas que, fundamentalmente por motivos de recreação, descanso, cultura ou saúde, saem do seu local de residência habitual para outro, no qual não exercem nenhuma atividade lucrativa nem remunerada, gerando múltiplas inter-relações de importância social, econômica e cultural (DE LA TORRE, 1997 p. 16).

Para Dumazedier (1999) existe uma sinergia que pode auxiliar na concepção da imagem dos destinos turísticos por conta das atividades que proporcionam momentos de prazer, estabelecida por ele, quando trata das funções de descanso e de desenvolvimento - por meio da aprendizagem - e da função de divertimento, recreação e entretenimento.

Segundo Trigo (2003), o entretenimento é conceituado como algo que diverte as pessoas em momentos de recreação e pode ser também entendido como uma espécie de espetáculo, feito para encantar quem o assiste ou participa da atração.

De acordo com Dias (2005, p. 66), o aumento do tempo livre e da informação tem conexão com o aumento do interesse das pessoas por temas diversos. Do ponto de vista da demanda turística, isso tem refletido no crescimento das segmentações turísticas.

Para Dencker (2015, p. 35), a identificação de novos segmentos turísticos perpassa pela “necessidade de entender as inter-relações existentes entre o comportamento do consumidor de Turismo e as outras tendências que ocorrem na sociedade”.

Oliveira (2015, p. 3) diz que segmentar significa dividir o mercado sob diferentes aspectos, ou seja, para o autor segmentar significa “dividir, fracionar,

fragmentar”. Isso ocorre porque o mercado é composto por uma série de grupos ou indivíduos que pensam e agem diferentes uns dos outros.

Dencker (2015, p. 35) aponta que as tendências também influenciam na segmentação e são consideradas “mudanças duradouras nas atitudes e comportamento, que refletem diretamente no estilo e forma de ver a vida, problemas, escolhas e decisões, alterando, assim também o seu padrão de consumo”. Dencker acrescenta:

Os fluxos turísticos mudam muito rápido, ainda mais com um novo padrão comportamental relacionado às novas tecnologias de comunicação, que possibilitam o conhecimento mais acessível. Este conhecimento que flui, criando novas tribos, firmando ou criticando comportamentos, modismos e formando novos padrões de vida. (DENCKER, 2015, p. 35).

Levando em consideração que o turismo se concretiza por meio da produção e do seu consumo, ter o conhecimento sobre o que o turista busca se torna fundamental, pois possibilita agilidade para mudar o que for preciso. Já a forma de previsão de demanda com base no comportamento torna-se menos confiável, pois com a velocidade que os acontecimentos mudam e as informações circulam, surgem sempre novos cenários (DENCKER, 2015).

De acordo com o Ministério do Turismo (BRASIL, 2010), os critérios para a segmentação do mercado turístico compreendem:

- a) aspectos geográficos: cidades, estados, países, tamanho da área, a densidade e o clima;
- b) aspectos demográficos e socioeconômicos: fatores pessoais, sociais, idade, renda, faixa etária;
- c) aspectos psicográficos: estilo de vida, valores, atitudes, personalidade;
- d) aspectos comportamentais: status, benefícios que o turista busca em uma viagem, motivo da visita;
- e) padrões de consumo: frequência de compra.

Como segmentos prioritários do Turismo no Brasil, o Ministério do Turismo (BRASIL, 2006) definiu o Turismo Cultural, Ecoturismo, Negócios e Eventos,

Náutico, Rural, Estudos e Intercâmbio, de Saúde, Esportes, Sol e Praia e de Aventura.

Panosso Netto e Ansarah (2015), em uma de suas publicações sobre novos segmentos turísticos, trazem o Turismo Sexual, Turismo de Experiência, Astroturismo, Cicloturismo, Turismo Cervejeiro, na Favela, Turismo Científico, entre outros. Percebe-se, com isso, que no Turismo há vários segmentos que podem ser trabalhados. Por sua vez, Oliveira (2015) aponta que segmentar o mercado pode ocasionar em diversos benefícios para os destinos turísticos, principalmente ao levar em conta a competição acirrada que existe entre os mesmos.

Sobre a dinâmica de desenvolvimento das localidades, o fenômeno Turismo acontece de forma específica, provocando, nas localidades turísticas, um processo dialético em que se procura sempre novas formas de explorar o turismo da região, deixando de lado os meios obsoletos e os substituindo por novos e, em relação a isso, são criados novos segmentos de mercado (DENCKER, 2015).

A seguir, a respeito deste estudo, que trata sobre o uso dos animais em localidades turísticas, são descritos o Turismo Cultural e o Turismo Científico.

1.2 TURISMO CULTURAL E CIENTÍFICO

No Turismo Cultural estão incluídos o patrimônio cultural, as artes visuais, os idiomas, as atividades cotidianas, as tradições, as formas de recreação da população, as manifestações artísticas, assim como os valores e formas de vida cotidianas (BARRETTO, 2012).

Para o Ministério do Turismo, esse segmento conecta-se às vivências que os turistas possam ter em diversos locais. Segundo o Ministério do Turismo (BRASIL, 2006, p.13):

Turismo Cultural compreende as atividades turísticas relacionadas à vivência do conjunto de elementos significativos do patrimônio histórico e cultural e dos eventos culturais, valorizando e promovendo os bens materiais e imateriais da cultura.

No Turismo Cultural, Barretto (2012) discorre sobre a internacionalização das economias e culturas, já que com a melhoria do transporte e meios de comunicação, poucos lugares no mundo não recebem turistas. Do ponto de vista comercial, o Turismo Cultural se torna um produto elaborado com matérias-primas da natureza (recursos naturais) ou da cultural material e simbólica (recursos culturais), em conjunto com os equipamentos necessários para a prestação de serviço de recreação, alimentação e hospedagem.

A intensificação da atividade turística, dentre seus principais desdobramentos, determina o contato ou encontro entre população local e turistas, promovendo a socialização entre eles, numa troca de vivências, valores, experiências e sensações. Seja comprando um bem ou serviço ou convivendo simultaneamente num espaço turístico, “os impactos socioculturais, numa atividade turística, são resultado das relações sociais mantidas durante a estada dos visitantes, cuja intensidade e duração são afetadas por fatores espaciais e temporais restritos” (SANCHO, 2001 apud SILVA; SANT’ANNA, 2014, p. 659).

Destaca-se que o Turismo Cultural acaba surgindo como alternativa ao turismo padrão, onde as minorias, ou seja, os turistas não institucionalizados, experimentais, experienciais e existenciais acabam sendo menos danosos ao ambiente natural e cultural. Seguindo esse princípio, o turismo cultural teria menos efeitos negativos; por outro lado, esse turista quer um contato mais profundo com a população local, mesmo assim respeita seu modo de viver (BARRETTO, 2012).

Abre-se, também, a discussão sobre o termo “impacto” com a intenção de definir a relação do turismo com as localidades turísticas, já que os turistas provocam efeitos na cultura e na sociedade (BARRETTO, 2012).

O turismo é uma atividade que provoca mudanças nas comunidades receptoras de acordo com sua organização e dinâmica sociocultural. Os resultados do fenômeno do encontro de culturas distintas, os impactos que uma exerce sobre a outra e as percepções e avaliações provenientes desse contato em ambas as partes são consequências que, mesmo sendo mais notadas em relação à comunidade receptora, também são expressivas aos visitantes (SILVA; SANT’ANNA, 2014).

Existem consequências que não são passíveis de mensuração, dado o caráter subjetivo e inconsciente de sua ocorrência, mas que exercem impactos significativos nos adeptos do turismo, a médio e longo prazo, implicando alterações, por exemplo, sobre a identidade cultural. (SILVA e SANT’ANNA, 2014, p. 649).

Alguns estudos realizados concluem que o turismo pode deixar um legado positivo, tanto na preservação de áreas históricas ou naturais como também no enriquecimento das informações sobre os locais visitados (BARRETTO, 2012).

Por outro lado, o turismo é uma atividade que estimula mudanças no local em que é desenvolvido, principalmente ao ser considerado um fenômeno social e intercultural. O desenvolvimento da atividade turística pode provocar impactos positivos e negativos que afetarão o homem, a sociedade e seu entorno (SILVA; SANT'ANNA, 2014).

Assim, percebe-se que o turismo aflora a necessidade de se estudar as culturas em circulação no contexto turístico consolidado, pois, sob determinado ponto de vista, esse contato pode fazer com que as culturas sejam alteradas, assim como também pode vir a contribuir para sua manutenção e recuperação cultural e identitária. No caso, pode haver tanto a flexibilização como a fragmentação da identidade cultural dos grupos locais (TEIXEIRA et al., 2008 apud SILVA e SANT'ANNA, 2014).

Conforme acrescenta Tulik (1993), ao se analisarem as tendências no aproveitamento de recursos naturais, percebe-se, em geral, que a recreação e o turismo concorrem para transformar a organização espacial, principalmente quando essa utilização vem acompanhada pela oferta de equipamentos e serviços. De acordo com a autora, grandes áreas com diversos equipamentos turísticos podem, em um primeiro momento, contribuir para a valorização de determinados empreendimentos, porém essa transformação do espaço também poderá gerar efeitos negativos.

Nesse caso, é possível pensar em grandes complexos de entretenimento que, conforme destaca Tulik (1993), podem se transformar em espaços alheios à convivência da cultura da comunidade local.

O outro segmento a ser tratado neste estudo é o Turismo Científico, o qual Margoni (2015, p. 166) acredita que pode ser inserido "por iniciativa do mercado, que precisa lançar novos produtos, e também pela iniciativa dos turistas"; estes, por motivos diversos, demonstram estar procurando "novos destinos e atividades para experimentar". Mesmo sem uma conceituação definitiva, esse tipo de turismo é definido por Andrade como:

o interesse ou a necessidade de realização de estudos e pesquisas é o elemento motivador do turismo científico, que se caracteriza pelos interesses pessoais dos turistas e visitantes para com as fontes e os objetos de ciências. Por sua natureza, identifica-se, exclusivamente, pela finalidade e pelo comportamento sistemático do turista, no núcleo receptivo em que encontra (ANDRADE, 2002, p. 72).

Essa definição o coloca no mesmo grupo do Turismo de Intercâmbio, sendo um turismo de estudos, no qual o objetivo final é o aprimoramento, que se dá pelo estudo de um tema. Pode ser praticado pelo turista que não é pesquisador, mas tem interesse específico em um local; como exemplo, tem-se a crescente demanda de cruzeiros para locais antes pouco procurados por turistas como o Alasca, a Patagônia, entre outros destinos (PANOSSO NETTO; ANSARAH, 2015). Os autores complementam essa questão:

[...] o turismo científico é um subtipo do turismo cultural, pelo turista ser inserido na cultural do local visitado, visitando museus, ruínas, etc, de forma que a observação se transforme em conhecimento e como subtipo do ecoturismo, onde ocorre a visitação de cavernas e animais em seu habitat natural, como a observação de baleias e aves, sendo o Brasil reconhecido pelos turistas estrangeiros como um local para observação da fauna. (PANOSSO NETTO; ANSARAH, 2015, p. 166-167).

Existem outros tipos de Turismo Científico, como aqueles desenvolvidos por um grupo de três cidades americanas, que criaram o *Visit Tri-Cities*, espécie de escritório que promove o turismo para cientistas, educadores e organizadores de encontros voltados para ciência, tecnologia, engenharia e matemática. As cidades de Richland, Kennewick e Pasco fazem fronteira umas com as outras e estão localizadas na confluência dos rios Yakima, Snake e Columbia, na região desértica a sudeste do Estado de Washington. Nessas cidades, podem ser visitados locais como Coyote Canyon Mammoth Site, uma escavação paleontológica da Idade do Gelo; o LIGO Hanford Observatory, um observatório de ondas gravitacionais; o The Reach Museum, um anfiteatro para performances artísticas ao ar livre; o Manhattan Project National Historical Park, um parque histórico do programa de armas nucleares dos EUA na Segunda Guerra Mundial; e o Bechtel National Planetarium, que trata de um planetário que fornece imagens de alta definição, usando o sistema de projeção mais avançado do noroeste do Pacífico que permite observar o sistema solar ou as excursões de constelação (VISIT TRI-CITIES).

No Brasil, há institutos que promovem atividades com animais e as denominam de Turismo Científico, como o Instituto Marcos Daniel (IMD). O IMD realiza expedições para a Ilha de Coroa Vermelha na Bahia, a fim de pesquisar a saúde de tartarugas marinhas, e para o Pantanal para observar os jacarés. No caso, os turistas podem participar das expedições, auxiliando no custeio das visitas e participando ativamente das pesquisas que são realizadas (INSTITUTO MARCOS DANIEL, s.d.).

Mesmo que o Turismo Científico seja comum há muito tempo, ainda são escassas as referências sobre o assunto. Algumas definições encontradas para Turismo Científico relacionadas com a prática do uso de animais são relatadas por Trigo (2003). De acordo com o autor, Phineas Taylor Barnum (1810-1891) foi um dos primeiros a utilizar o entretenimento de forma profissional. Nascido em Bethel, começou a trabalhar com 15 anos, atuando em vários tipos de projetos diferentes. Aos 18 anos, abriu uma loja para vender frutas, organizou uma loteria local e, pouco depois, criou também um jornal chamado *The Herald of Freedom and Gospel Witness*.

Em 1831, se envolveu em problemas ao atacar um ministro protestante em seu jornal e acabou sendo condenado a dois meses de cadeia, algo que lhe deu grande visibilidade. O estado de Connecticut banuiu as loterias, portanto seu jornal não aguentou a concorrência com o rival e a loja de frutas foi à falência, mas ele não desanimou e, em 1835, começou uma carreira como *showman* (TRIGO, 2003).

No início, utilizou-se da exploração de uma mulher negra, chamada Joyce Heth. Com ela, e também com um grupo de ajudantes, fez sucesso mostrando ao público curiosidades, tais como: objetos, animais ou pessoas “estranhas”.

Após um período de dificuldades, ele comprou um museu em Nova York, onde apresentou ao público animais e seres humanos exóticos, como a mulher barbada e a sereia das ilhas Fiji (TRIGO, 2003).

Em 1855, Barnum voltou aos negócios por precisar pagar algumas dívidas e acabou criando “o maior espetáculo da Terra”, um *mix* de circo, coleção de animais e museu de aberrações e excentricidades. Com esse show, ele andou pelo mundo e, em 1883, foi à Inglaterra para comprar um enorme elefante, o qual foi batizado de Jumbo (TRIGO, 2003).

1.3 PRÁTICAS DE ENTRETENIMENTO UTILIZANDO ANIMAIS

As práticas de entretenimento utilizando os animais são bastante antigas e vêm sendo utilizadas nos dias atuais. De acordo com Sanders e Feijó (2007), o uso de animais selvagens em zoológicos teve início com os egípcios. Durante suas viagens e batalhas, eles tinham o hábito de capturar gatos selvagens, babuínos e leões, o que lhes conferia, muitas vezes, símbolo de força e poder.

Com o tempo, outras pessoas foram adquirindo esses hábitos, fazendo com que também colecionassem animais exóticos. “Quanto mais selvagem e raro fosse o animal, mais *status* social adquiria seu proprietário” (SANDERS; FEIJÓ, 2007, p. 2).

No século XVII, foi fundado o *Jardin des Plants*, em Paris, na França, considerado por muitos como o primeiro zoológico público. Os animais eram procedentes de apreensões derivadas de circos e outras de shows que utilizavam animais como atrações (SANDERS; FEIJÓ, 2007).

Em 1826, foi fundado o Zoológico da Sociedade de Londres, por Sir Stamford Raffles e Sir Humphry Davy, com o objetivo de ser uma instituição científica para o estudo da zoologia. Porém, com a finalidade de serem obtidos recursos financeiros para a manutenção dos animais, o local tornou-se aberto à visitação pública e começou a exibir os animais e a fazer shows para atrair os visitantes. Com o aumento no número de visitantes, foi necessária a aquisição de outros animais. Estes, então, foram buscados diretamente na natureza e colocados em cativeiro, sem nenhum controle, o que certamente ocasionou a morte de muitas espécies e colaborou com o início da extinção de muitos animais; e, o que seria mais grave, com a imposição de uma cultura em que não era levada em conta a natureza animal (SANDERS; FEIJÓ, 2007).

Nesses zoológicos, os recintos e as jaulas eram construídos para proporcionar aos visitantes o melhor ângulo de visão e não para dar boas condições de vida aos animais, pois não havia uma preocupação com o bem-estar animal (SANDERS; FEIJÓ, 2007).

De acordo com Barreto, Guimarães e Oliveira (2009), o zoológico é considerado um local próprio para a realização de atividades de educação ambiental, visto que permite que o visitante realize suas observações. No entanto, as autoras também indicam que a existência de zoológicos vem sendo muito questionada, principalmente pelo fato de os animais encontrarem-se enjaulados nesses espaços e fora do que seria seu habitat natural, podendo desenvolver estresse excessivo.

Retomando ao histórico de criação dos zoológicos, somente no ano de 1900 foi fundado, na Alemanha, o “Stellingen Zoo”, pelo naturalista Carl Hagenbeck. Nesse novo espaço, os animais tinham recintos considerados mais apropriados. Os espaços de permanência dos animais eram maiores se comparados aos primeiros existentes e, também, visavam simular um pouco seu ambiente natural (SANDERS; FEIJÓ, 2007).

Tal atitude já demonstrava uma maior preocupação com o desconforto que era causado pelo enjaulamento. A partir desse zoológico, outros países da Europa e dos Estados Unidos da América passaram a tê-lo como modelo e o bem-estar animal passou a ser levado em consideração respeitando-se, é claro, o interesse econômico (SANDERS; FEIJÓ, 2007).

Hoje em dia, os zoológicos não são autorizados a capturar animais no seu habitat natural para posteriormente serem exibidos. Somente animais que são apreendidos pelo governo, na maioria das vezes, das mãos de traficantes ilegais, e aqueles nascidos em cativeiros e que são trocados entre diferentes instituições podem ser exibidos. Em alguns casos de programas especiais de recuperação de espécies ameaçadas de extinção, em que essa captura é necessária, é permitido que esses animais sejam mantidos em um zoológico (WWF-BRASIL, 2002).

1.4 CONDUTA PARA O USO DE ANIMAIS NO TURISMO

De acordo com Hughes (2000), o bem-estar e os direitos dos animais no desenvolvimento do turismo são uma questão às vezes esquecida, porém muitas ciências sociais e humanas estão abordando esse tema, criando um espaço para

pesquisas que, de fato, mostrem o animal como um agente importante na cadeia produtiva.

Os trabalhos de desenvolvimento turístico, mesmo que conectados com um amplo projeto de mapeamento e com o crescimento do turismo sustentável e ecoturismo, ainda precisam muito de análise e valorização dos animais individualmente, conforme destaca Hughes (2001).

Mesmo nas áreas do Turismo de animais selvagens e no Ecoturismo, os diferentes tipos de problemas éticos criados pelo contato dos turistas com os animais raramente são separados do campo mais geral das éticas ambientais. Mas sabe-se que o termo “turismo de animais selvagens” deveria servir tanto para os animais selvagens na natureza quanto para os em cativeiro (HUGHES, 2000).

Os animais são incorporados no turismo de muitas formas: podem ser retirados da natureza, capturados e colocados em exibição, ou utilizados como meios de transporte. Em casos mais raros, eles podem se tornar significantes para o local, por exemplo, ao terem suas fotos vendidas em cartões postais, ou, também, como atrativo gastronômico-cultural, consumidos em forma de alimento (HUGHES, 2000).

Entretanto, no turismo, os animais são mais vistos como objetos do que como "sujeitos"². Ou seja, eles são mais utilizados do que reconhecidos como seres que têm seus próprios direitos, sendo mais valorizados pelo valor que podem proporcionar às pessoas do que pelo seu próprio valor como ser (HUGHES, 2000, p. 322).

O capítulo a seguir apresenta alguns desses animais utilizados em práticas turísticas.

² Aspas do autor.

2 ANIMAIS EM ATRAÇÕES TURÍSTICAS

Para Pereira (2009), os animais sempre foram parte integrante do ambiente que os rodeia, não sendo estranho que algumas das primeiras pinturas retratem animais. Para a autora, os primeiros a serem representados artisticamente em gravuras rupestres foram os cavalos, cabras montanhesas, veados, auroques (uma espécie de bovídeos já extinta) e também peixes.

A mesma autora afirma que essa relação se deve, sobretudo, ao impacto dos animais na vida do homem pré-histórico, quase que totalmente dependentes da caça. Nesse mesmo período (Paleolítico), o cão foi domesticado para acompanhar o homem na caça e ajudar a controlar o gado.

Com o passar dos anos, a relação homem e animal também se modificou. Os animais passaram a coabitar com os seres humanos, dando-se início ao processo de domesticação (PEREIRA, 2009).

De acordo com Beretta (1988), em uma época incerta da pré-história, o homem das cavernas domesticou um animal exótico para utilizá-lo para arar a terra, engatando nele um toco com ramificações pontiagudas e cipós. Com isso, deu-se o surgimento da tração animal na agricultura, além de ser uma evolução devido ao fato de que anteriormente os buracos na terra eram abertos de forma manual. Com base em investigações, acredita-se que essa cena deve ter ocorrido entre 4.000 e 7.000 a.C.

Segundo pesquisas arqueológicas, em meados de 2.800 a.C., surgia o primeiro arado de tração animal na China. Considerando essa data, pode-se afirmar que o homem vem extraindo seu sustento do solo por meio de trabalho manual e animal há mais de 4.700 anos.

As atividades turísticas são outro exemplo de uso de animais. Nelas, é possível montar em animais, alimentá-los, nadar junto a eles – no caso de animais aquáticos –, assistir a shows em que a atração principal são animais fazendo coreografias e brincadeiras, entre outros.

Dito isso, este capítulo trata da utilização de animais em atrações turísticas, evidenciando aqueles que são comercializados por agentes de viagens como sendo o principal atrativo do local. Estão divididos em animais marinhos, terrestres e aqueles que participam de eventos e exposições.

2.1 ANIMAIS MARINHOS

Os animais marinhos são animais que vivem exclusivamente no mar, podendo ser mamíferos ou não. Neste estudo, será discorrido sobre as baleias, golfinhos, tartarugas e arraias, levando em consideração que são os mais utilizados em atrativos turísticos e também os mais populares.

2.1.1 As Baleias

No ano de 1964, ao se falar no animal baleia, vinha à mente a imagem da baleia orca, também chamada de baleia assassina, associada à imagem de um ser monstruoso. Muitas vezes, as baleias eram mortas por pescadores por serem consideradas uma praga perigosa (ROSE, 2011).

Com o tempo, as baleias também receberam a denotação de animais inofensivos, visto que eram protagonistas de filmes e de animações, além de possuírem papel de estrela nos shows de parques temáticos (ROSE, 2011).

De acordo com os estudos científicos apresentados por Rose (2011), as baleias são inteligentes e comprometidas com suas famílias, vivem muitos anos e são conscientes, além de serem socialmente complexas e terem tradições culturais. A autora comenta que esses animais estão apenas um passo atrás dos seres humanos, principalmente quanto ao comportamento e à linguística. Vivendo em boas condições ambientais são capazes de possuir trajetórias de vida semelhantes a dos seres humanos. Tanto as fêmeas como os machos alcançam sua maturidade sexual com 14 anos, sendo que as fêmeas dão à luz a cada cinco anos e chegam à menopausa entre 40 a 45 anos. Os machos vivem, no máximo, entre 60 a 70 anos, enquanto as fêmeas podem viver entre 80 a 90 anos. Mesmo com essa capacidade de longevidade, a expectativa de vida vem sendo baixa, pois, ultimamente, as baleias sobrevivem cerca de 46 anos na sua totalidade. Destaca-se que, em um estudo recente, de 200 baleias em cativeiro apenas duas baleias fêmeas ultrapassaram os 40 anos e nenhuma baleia macho chegou sequer aos 35 anos.

Outro fato é o de que as baleias são os maiores animais mantidos em cativeiro na atualidade.

Segundo o site do *SeaWorld* (2018), o show das baleias “assassinas” faz o espectador se conectar à vida marinha, aos animais e aos ritmos do oceano, levando-o a refletir sobre ser parte de um mundo e do oceano.

O *One Ocean* é o clássico show das baleias orcas, o qual, mesmo tendo mudado de nome algumas vezes, em síntese, continua com as mesmas atrações: acrobacias e malabarismos praticados pelas baleias, com duração de 20 minutos. Após o acontecimento de 2010, em que uma treinadora foi morta por uma baleia durante um espetáculo, os treinadores não nadam mais com os animais (SEAWORLD, 2018).

Já no *Miami Seaquarium*, é possível experienciar uma atividade que mescla baleias e golfinhos, os quais, segundo o site do local, mostram sua graça, beleza e inteligência; ainda, é onde o treinador comanda o show entre esses animais, mostrando o relacionamento especial entre espécies (MIAMI SEAQUARIUM, 2018).

Pelo exposto, nota-se que as baleias permanecem em evidência em diversos shows e ficam em exposição durante as exposições públicas. Rose (2011) alega que a exposição desses animais se torna, com o tempo, prejudicial a sua saúde, tendo em vista, principalmente, a dificuldade que as mesmas apresentam em se adaptar aos cativeiros.

Esses fatos podem ser comprovados por meio de artigos científicos publicados em periódicos especializados, como o “*Survival of five species of captive marine mammals*”³, que relata o fato de as baleias obterem um significativo menor índice de sobrevivência em cativeiro se comparadas àquelas que ficaram no seu habitat natural. Nesse caso, as taxas de mortalidade anual foram de mais de duas vezes e meia em cativeiro, sendo que a taxa de mortalidade de filhotes em cativeiros chega aos 50%. Destaca-se que as baleias selvagens, com as quais as baleias em cativeiro foram comparadas, são do nordeste do Pacífico e que já vêm sendo estudadas há algum tempo, porém outras populações de baleias podem apresentar

³ “Sobrevivência de cinco espécies de mamíferos marinhos em cativeiro” (tradução nossa).

resultados diferentes pela variação do seu habitat (SMALL; DEMASTER, 1995 apud ROSE, 2011).

Small e Demaster (1995 apud ROSE, 2011) enfatizaram que, mesmo com as fortes evidências apresentadas, não se causou um impacto significativo no público em geral, pois esse continua a usufruir de atividades de lazer com esses animais.

A respeito da observação de baleias, Hoyt (1995 apud HUGHES, 2000) diz que a atividade envolve mais de 5 milhões de turistas ao ano e estima que movimente cerca de 504 milhões de dólares em todo mundo anualmente.

Um dos principais argumentos relatados pelos responsáveis por utilizar as baleias confinadas trata sobre a questão de que as baleias nascidas em cativeiro podem apresentar melhor qualidade de vida, em virtude de usufruírem de avanços na nutrição e da veterinária (ROSE, 2011).

Kalina, a primeira baleia a nascer em cativeiro, no SeaWorld em 1985, morreu em 2010 por causa de uma infecção aguda após longas horas de apresentação no parque. A sua idade de morte comprova os estudos anteriores, que mostram os limites de longevidade de uma orca em cativeiro, nesse caso, 25 anos. Foi também a quarta orca a morrer no parque em 4 meses. As outras eram: Taima de 21 anos (nascida em cativeiro) e morta ao dar à luz; seu bebê que nasceu morto e Sumar de 12 anos (nascida em cativeiro). (ROSE, 2011, p. 3).

Desde a abertura do seu programa de criação de baleias em cativeiro, o *SeaWorld* teve a taxa de 25 mortes em 26 anos do programa, sendo que apenas três dessas baleias eram maiores de 25 anos de idade. Mesmo tendo acesso veterinário e comida de qualidade todos os dias, esse número de mortes é considerado muito alto (ROSE, 2011).

As causas mais comuns de morte em cativeiro são por pneumonia e infecções sanguíneas. Essas infecções são letais porque, normalmente, não manifestam sintomas nos ciclos iniciais, ou seja, quando se percebe a doença, pode ser muito tarde para o tratamento. Um dos fatores que contribuem para a morte de orcas em cativeiro pode ser a imunossupressão, que se trata de doenças causadas por agentes patogênicos que o sistema imunológico das baleias na natureza, normalmente, consegue combater; por outro lado, podem se tornar fatais em baleias criadas em cativeiro devido ao estresse crônico, depressão e até mesmo ao tédio.

Todos esses agentes podem causar disfunção no sistema imunológico e outros problemas de saúde em muitas espécies, incluindo os cetáceos⁴ (ROSE, 2011).

Em relação às infecções que se tornam fatais, pode-se, também, considerar a saúde dental devido às baleias em cativeiro possuírem dentes danificados, quebrados e desgastados. Enquanto isso, as baleias na natureza possuem pouco ou nenhum desgaste e, raramente, possuem dentes quebrados. Isso se dá porque, no cativeiro, as baleias, muitas vezes devido às questões de estresse, desgastam seus dentes nos portões de aço e nas paredes de concreto que costumam roer. A Figura 1 ilustra as cavidades nos dentes das baleias em cativeiro, por meio das quais é possível que agentes patogênicos entrem em sua corrente sanguínea e se instalem no tecido de importantes órgãos, como o coração e o rim, causando, muitas vezes, sua morte. Salienta-se que o processo de recuperação dos dentes é considerado muito desconfortável para as baleias, tendo em vista que o tratamento compreende a irrigação do local de duas a três vezes por dia, pelo resto da sua vida (ROSE, 2011).

Figura 1 - Dentes da baleia Tekoa (Loro Parque)



Fonte: Free Morgan Foundation (s.d.).

⁴ Animais de vida aquática e mamíferos, pertencentes ao Filo Chordata (LODI; BOROBIA, 2013).

Outro aspecto a se destacar é em relação ao comportamento das baleias em cativeiro, pois essas apresentam, em alguns casos, incompatibilidade entre a própria espécie, o que dificilmente ocorre em seu habitat natural. Rose (2011, p. 7) destaca

A diferença social é de que os grupos de animais em cativeiro são totalmente artificiais, feitos de animais que não tem nenhum grau de parentesco e que não necessariamente se deem bem. Partindo desse fato, é melhor para a orca, um animal social, ser solitária e interagir somente com um cuidador humano por um longo período de tempo do que em um grupo de baleias que são agressivas e hostis em relação a ela.

De acordo com Rose (2011), há poucos registros quanto às lesões em humanos por causa de baleias selvagens. Em contrapartida, tem-se registro de inúmeros incidentes significantes entre pessoas e baleias em cativeiro, como no registro da *Free Morgan Foundation*⁵ (2012), com mais de 50 casos de maus tratos de baleias em cativeiro, em diversos parques aquáticos pelo mundo.

Outro exemplo é o documentário *Blackfish* (2013), que mostra alguns treinadores, entre outros profissionais que trabalhavam em parques, relatando sobre o tratamento inadequado que os animais recebiam, além das inúmeras mortes ocorridas.

2.1.2 Os golfinhos

Nos últimos anos, segundo Hughes (2000), duas vertentes do uso de golfinhos no turismo moderno surgiram: uma capitalizou a tendência dos golfinhos selvagens, que aparentemente apreciam e até buscam interação humana; a outra envolve a exibição dos animais em cativeiro, com treinamento e performances de animais para públicos pagantes.

Nos Estados Unidos, os golfinhos foram colocados em exibição no ano de 1913, pelo *New York Aquarium*⁶, onde o último de cinco golfinhos acabou por morrer 21 meses depois de ser colocado em cativeiro. Em 1938, o *Marine Studios*, na

⁵ Uma organização sem fins lucrativos, que luta pela liberdade de Morgan, uma baleia fêmea mantida em cativeiro no Loro Parque, em Tenerife.

⁶ Aquário de Nova York (tradução nossa).

Flórida, iniciou o adestramento de golfinhos, que são utilizados até hoje nos dolfinários⁷ do mundo (ORAMS, 1997 apud HUGHES, 2000).

Com a popularização do filme *Flipper*, em 1963, estrelado por Chuck Connors - como Porter Ricks - e Luke Halpin - como Sandy Ricks - e, posteriormente, com a série de mesmo nome – na qual os protagonistas eram um menino e um golfinho que havia abandonado seu grupo quando estavam sendo caçados -, muitas pessoas se interessaram pelo animal, principalmente porque no filme e na série eles aparentavam ser muito inteligentes e dóceis com os humanos. Esse interesse fez do golfinho um dos animais mais utilizados em atrações turísticas (LOPES, 2011).

A indústria dos golfinhos expandiu massivamente no mundo e, no ano de 1965, quatro shows de golfinhos foram criados no Reino Unido, aumentando para 25 shows entre os anos de 1971 e 1975. A maior parte desses dolfinários se estabeleceu em cidades litorâneas e/ou em cidades com uma grande atração turística por perto, como as próximas aos parques de safári e parques temáticos. Ao final da década de 1970, havia 41 espaços, entre temporários e permanentes, para os golfinhos, porém, já em meados da década de 1980, o número caiu para seis espaços (KLINOWSKA; BROWN, 1986 apud HUGHES, 2000).

Isso ocorreu por conta da proibição do uso de golfinhos em cativeiro para atrações turísticas; legislação esta que vigora nos dias atuais (KLINOWSKA; BROWN, 1986 apud HUGHES, 2000).

Destaca-se que, entre os anos de 1938 e 1980, os Estados Unidos retiraram mais de 1.500 golfinhos do mar para serem utilizados em atividades de entretenimento. O mesmo aconteceu no Japão entre os anos de 1980 e 1990, quando foram retirados 500 golfinhos do mar para a mesma finalidade (ORAMS, 1997 apud HUGHES, 2000).

As preocupações dos ativistas dos direitos animais em relação aos golfinhos deslancharam alguns fatores importantes para a diminuição dessas exhibições, tais como: o desmembramento de grupos familiares durante o transporte; morte durante o percurso até o dolfinário; a falta de espaço do cativeiro, queimaduras solares, ingestão de tinta tóxica da piscina, poluição sonora; encorajamento de

⁷ Aquários de golfinhos.

comportamento anormal através dos métodos de treinamento de privação e recompensa alimentar; e exagero no entretenimento em exibição pública (JOHNSON, 1990; PILLERI, 1987 apud HUGHES, 2000).

Relacionado ao entretenimento, o Aquário de Vancouver, no Canadá, atraiu cerca de um milhão de visitantes em 1990 (KELSEY, 1991 apud HUGHES, 2000) e, no mesmo ano, 40 mil pessoas nadaram com golfinhos em cativeiro nos Estados Unidos (FROHOFF; PACKARD, 1995 apud HUGHES, 2000). Salienta-se que a maioria dos encontros com cetáceos⁸ ainda é feita em cativeiro, onde os nove parques do *Sea World* e o *Bush Garden*, nos Estados Unidos, sozinhos, conseguem alcançar mais de 21 milhões de visitantes ao ano.

Mesmo sob esses enfoques citados, que podem prejudicar os animais, existem muitos parques turísticos que têm os animais como suas principais atrações.

Dentre esses parques está o *Xcaret*, localizado na Riviera Maya, no México. O parque se autodenomina como ecoarqueológico, com foco na preservação da cultura mexicana. O local dispõe de diversas atrações, entre elas a Torre Panorâmica, onde é possível admirar o parque e também o belíssimo mar caribenho; a Plaza Principal é uma loja com objetos que representam várias partes do México; a Hacienda Henequera, que é uma das atrações mais interessantes do parque por contar um pouco da história do México através de seus murais, arquitetura e também por expor o maquinário utilizado na idade de ouro de Yucatan e do México; o Cemitério Mexicano que, em forma espiral, refere-se a uma concha utilizada nos tempos antigos para se comunicar com os deuses através do vento. Além disso, o parque conta, também, com uma ponte para o paraíso que simula uma colina, com sete níveis que simbolizam os dias da semana e 365 túmulos que referem-se aos dias do ano. Em sua entrada, há uma escadaria de 52 degraus, que remetem às semanas do ano. Na Aldeia Maia, é possível conhecer sobre a vida em uma comunidade antiga, aprender sobre e também presenciar um ritual de música e dança. Em suas mais de 12 atrações, é possível fazer várias atividades, como o *Dolphin Ride*, que nada mais é do que nadar com os golfinhos, podendo também abraçá-los, beijá-los, apertar suas nadadeiras, ser empurrado pela água por esses

⁸ Mamíferos marinhos.

animais e, também, ver a sua “dança”. Esses pacotes têm duração de 45 minutos cada sessão (PARQUE XCARET, s.d.).

De acordo com o relatório da *Delfines En Libertad*⁹ (2015), no México, existem 29 empreendimentos que utilizam golfinhos, os quais contam com 342 cetáceos aproximadamente. Dos dolfinários mexicanos, a maioria se localiza em Quintana Roo, na Península de Yucatan, e podem ser encontrados em shoppings, marinas, hotéis, zoológicos e parques temáticos.

A indústria de golfinhos no México começou nos anos 1970, com a exibição de dois golfinhos ao lado de fora de um ponto comercial. Os golfinhos eram usados em shows de parques aquáticos e também em turnês, conhecidas como feiras. Nos anos de 1990, algumas empresas começaram a desenvolver as atrações populares, as quais continuam nos dias de hoje e são conhecidas como *Swimming-With-Dolphins*¹⁰ (SWD). (MARTINEZ, 2015).

Desses 29 empreendimentos que utilizam golfinhos no México, atualmente, a maioria possui de 2 a 25 golfinhos conhecidos como nariz-de-garrafa; espécie essa mais comumente utilizada devido a sua treinabilidade. As atividades que esses locais oferecem incluem interação física com os golfinhos, como as populares *The Kiss* (Figura 2), *The Foot Push* e *The Dorsal Tow*¹¹ (Figura 3). Essas atividades consistem, basicamente, em o golfinho puxar e empurrar o turista pela água e, também, posar para fotos com o público. Os turistas pagam cerca de U\$70 a U\$200 dólares para ter essa experiência – normalmente em grupo - com os golfinhos, cuja duração é de 40 a 120 minutos (MARTINEZ, 2015).

Figura 2 - The Kiss

⁹ Golfinhos em Liberdade: organização sem fins lucrativos que luta pela abolição dos golfinhos em cativeiro (tradução nossa).

¹⁰ *Swimming-With-Dolphins*: nadando com golfinhos (tradução nossa).

¹¹ O beijo, o empurrão do pé e o reboque dorsal (tradução nossa).



Fonte: Parque Xcaret (s.d.).

Figura 3 - The Dorsal Tow



Fonte: Parque Xcaret (s.d.).

Ao considerar essas informações, destaca-se que o estado de Quintana Roo, situado na costa caribenha, é uma das mais populares regiões turísticas do México, apresentando um fluxo intenso de cruzeiros que aportam nessa área diariamente. A maioria dos dolfinários oferece entretenimento ao público em forma de shows, além de atividades interativas como o SWD, que está entre os principais serviços oferecidos pela indústria turística local e é vendido como "a experiência que você precisa ter uma vez na vida" (MARTINEZ, 2015, p. 6).

A demanda para nadar com os golfinhos em cativeiro possibilitou que a indústria de golfinhos no México obtivesse um crescimento extraordinário. A quantidade de golfinhos em cativeiro é mantida tanto pela captura quanto pela reprodução. Algumas empresas ainda oferecem a terapia com golfinhos, que é realizada para auxiliar em tratamentos de alguns tipos de doenças relacionadas à psicomotricidade, além de promover a interação com crianças autistas, com Síndrome de Down, ou mesmo com deficiências físicas e/ou cognitivas, a fim de estimulá-las nesse tipo de recreação (MARTINEZ, 2015).

É importante ressaltar que o México possui 8% dos parques marinhos de golfinhos do mundo e, aproximadamente, 10% de todos os golfinhos em cativeiro mundialmente. O país possui, ainda, uma das maiores indústrias de golfinhos em cativeiro no mundo e a maior na América Latina. As instalações com golfinhos nos destinos mais populares do México são abertas todos os dias do ano, incluindo finais de semana e feriados. Os estabelecimentos recebem um grande número de turistas diariamente e os golfinhos são expostos a níveis altos de contato humano e interação (MARTINEZ, 2015).

No ano de 2015, um relatório sobre os golfinhos no México, publicado pela *Delfines En Libertad*, apontou que, em seu habitat natural, baleias e golfinhos podem nadar 160 km por dia, em áreas de até 300 km e a 60 metros de profundidade. Vivendo em grupos, esses animais são muito sociáveis e inteligentes, possuem autoconsciência e diferenciam culturas. Os cativeiros não se comparam ao vasto e complexo ambiente da natureza cetácea e até mesmo os maiores cativeiros só oferecem uma pequena parte da variedade da natureza. Pesquisas apontam que o estresse do cativeiro resulta em comportamentos que podem gerar doenças, diminuição da resistência e redução da expectativa de vida (MARTINEZ, 2015).

Esse relatório teve como foco principal os parques que oferecem o SWD e foi realizado para avaliar o bem estar e a saúde mental dos golfinhos mantidos em cativeiro, sem cobrir os problemas com animais usados em turnês. Enquanto a indústria de golfinhos em cativeiro cresce no México, aumentam os estudos científicos que demonstram o quanto esses animais podem sofrer com o confinamento (MARTINEZ, 2015).

As ilhas caribenhas e as Bahamas se tornaram lugares populares para a prática do SWD, sendo que a maioria dessas ilhas não possui uma legislação que proíba a captura ou importação de golfinhos, tanto que a maior parte dos golfinhos foi obtida de águas locais de Cuba, Honduras ou por reprodução local (MARTINEZ, 2015).

Outro aspecto diz respeito ao Japão, país que mais pratica a captura de golfinhos para suprir a indústria desses animais. Em 2013, 158 golfinhos foram capturados e vendidos para dolfinários ao redor do mundo. O país possui, também, em torno de 16% dos parques com golfinhos em cativeiro no mundo (MARTINEZ, 2015).

2.1.3 As Arraias

As arraias são animais que apresentam características anatômicas específicas, como o corpo achatado, boca e fendas branquiais, nadadeiras peitorais grandes, unidas à cabeça e ao tronco; as nadadeiras dorsais e caudais são reduzidas e, algumas vezes, até mesmo ausentes. As mandíbulas apresentam dentes em forma de pavimento, em bandas ou mosaicos (NELSON, 1994 apud CARMONA et al., 2008).

Elas se tornaram populares com os turistas principalmente pelo fato de ser possível fotografá-las e vê-las em seu estado natural, aprender sobre elas e também sobre o meio ambiente (NEEDHAM et al., 2017).

Needham e colaboradores (2017) comentam que mais de um milhão de turistas realizam as atividades de mergulho com arraias todo ano, podendo gerar mais de U\$140 milhões na economia, estimulando os responsáveis de muitos parques aquáticos turísticos a oferecerem atividades com esse animal. Porém, os autores destacam que estudos mostram que esse tipo de atividade pode causar impactos ambientais no habitat, estresse psicológico nos animais, doenças, entre outras enfermidades.

De acordo com Newsome e Rodger (2008), um dos problemas com o uso de animais no turismo se dá por conta da falta de conhecimento dos humanos que, normalmente, alimentam animais selvagens sem nenhum tipo de supervisão.

As arraias, originalmente, eram atraídas até a praia para comer os restos de peixes deixados pelos pescadores e, com o passar dos anos, houve um aumento na aparição desses animais em razão da quantidade de turistas que se desloca até o litoral com o propósito único de alimentar os animais. O que pode parecer inofensivo em um primeiro momento acaba aumentando a vulnerabilidade, causando o risco de ferimentos pelos barcos e anzóis de pesca, assim como lesões pelo contato excessivo do turista com o animal (NEWSOME et al. 2004).

Ao mesmo tempo, o turista também fica vulnerável com esse contato por conta do risco de receber uma ferroadada das arraias, além de se expor ao risco de feridas nas mãos devido à atividade de alimentar o animal (NEWSOME; RODGER, 2008).

No Parque Aquático Xcaret, é possível realizar um encontro interativo com as arraias (Figura 4), onde o turista pode nadar de uma forma considerada “segura”, segundo o próprio site do parque, e também dar comida a esses animais. A atividade tem duração de 50 minutos (XCARET MÉXICO, s.d.).

Figura 4 - Interação com Arraias



Fonte: Xcaret México (s.d.).

2.1.4 As Tartarugas Marinhas

Há 150 milhões de anos, surgiram as tartarugas marinhas. Esses animais foram capazes de manter sua morfologia quase que por completo até os dias atuais e, também, resistiram às mudanças que ocorreram na Terra; mudanças essas responsáveis pela extinção dos dinossauros (BAPTISTOTTE, 1992).

Segundo o site do Projeto TAMAR, existem sete espécies de tartarugas no mundo (PROJETO TAMAR, s.d.); já Baptistotte (1992) afirma que existam oito espécies. Contudo, de acordo com ambos, cinco delas têm sua reprodução no Brasil.

As tartarugas realizam grandes migrações, porém, no período de desova, sempre retornam para a mesma praia de sua origem. Os machos, geralmente menores do que as fêmeas, nunca vão até as praias, apenas aguardam as fêmeas em suas desovas. Uma única tartaruga fêmea é capaz de colocar mais de 500 ovos em todo período de desova. A incubadora dos ovos, durante esse período, é a areia úmida da praia e o calor do sol, que se encarregam do trabalho por cerca de 50 dias. (BAPTISTOTTE, 1992). E, segundo a Revista Aqui Ali (2016), a estimativa de vida desses animais é de 50 a 80 anos.

No Brasil, a proteção total das espécies de tartarugas foi decretada somente em 1986 devido à regulamentação e pressão internacional para decretar novas leis para a conservação e implementar programas de conservação das tartarugas marinhas. Os defensores argumentaram que, devido ao fato de as tartarugas marinhas serem migratórias, elas alimentam-se nas águas de um país e colocam seus ovos nas praias de outro; todos os países deveriam se unir para recuperar os recursos esgotados regionalmente.

Anteriormente, no ano de 1980, o governo brasileiro instituiu o Programa Nacional de Conservação de Tartarugas Marinhas, conhecido como Projeto TAMAR, junto ao Instituto Brasileiro do Meio Ambiente, o IBAMA (MARCOVALDI; MARCOVALDI, 1999).

O objetivo inicial do Projeto TAMAR, segundo Marcovaldi e Marcovaldi (1999), era o de estimar o número de espécies, distribuição e a quantidade de tartarugas

marinhas, sua sazonalidade e alcance geográfico de onde elas colocavam seus ovos, assim como as principais ameaças à sua sobrevivência.

Atualmente, de acordo com o site do Projeto TAMAR, existem 25 bases de pesquisa e conservação no Brasil. E, conforme Marcovaldi e Marcovaldi (1999), a maioria das bases em terra e a base do Arquipélago de Fernando de Noronha possuem profissionais trabalhando durante todo o ano. As bases das ilhas de Atol das Rocas e Trindade são visitadas esporadicamente pelo Projeto TAMAR devido às dificuldades de transporte de pessoas e equipamentos. Segundo o site do projeto TAMAR, atualmente existem oito bases abertas para visitação do público, como a da Figura 5, na Bahia.

Figura 5 - Projeto TAMAR, Praia do Forte



Fonte: Projeto TAMAR

Nos centros de visitação, o turista pode participar de atividades ligadas às tartarugas, realizando visita guiada, alimentando ou observando a alimentação das tartarugas, dando banho nos animais, observando as solturas, palestras e exposições de vídeo. Para as crianças, existe um espaço onde podem colorir desenhos do fundo do mar.

Sendo as tartarugas marinhas constantemente promovidas como atração turística, é normal que os turistas tenham interesse em interagir com esses animais. Portanto, por meio disso, as tartarugas são utilizadas para informar o público sobre a necessidade de sua conservação (TROËNG; DREWS, 2004).

Um exemplo de turismo com tartarugas que apresenta pontos negativos é o turismo de sol e praia, que resulta na perda ou redução da qualidade dos locais de desova. O desenvolvimento exagerado do litoral aumenta a presença humana nesses locais, inclusive na parte da noite, podendo resultar em tentativas frustradas de desova, e até mesmo em abortos, além de outros tipos de distúrbios para as tartarugas (TISDEL; WILSON, 2005).

Como ocorrido na praia de Ostional, em 2015, na Costa Rica, no qual, segundo o El País (MALKIN; VILLEGAS, 2015), turistas invadiram a praia no momento da desova em busca da selfie perfeita, chegando até a montar no casco das tartarugas para isso. As tartarugas, assustadas com os turistas, voltaram ao mar.

2.2 ANIMAIS TERRESTRES

Animais terrestres são aqueles que estão adaptados para viver sobre a terra. Neste estudo, serão descritos os elefantes, camelos e dromedários, e cavalos, levando em consideração que são os animais terrestres mais utilizados em atrativos turísticos e também os mais populares.

2.2.1 Os Elefantes

De acordo com Lorenzo e Rodríguez (2016), os elefantes asiáticos são os maiores animais terrestres, podendo alcançar 3 metros de altura e 6,4 metros de comprimento, com expectativa de vida de 60 a 70 anos.

Encontram-se em 13 países no leste e sudeste do continente asiático e vivem em florestas, têm o hábito de descansar durante o dia e preferem a sombra (ORTEGA; EGGERT, 2004).

Fickel et al. (2007) destacam que esses animais são mais ativos à noite, durante o crepúsculo até o amanhecer, mas mesmo assim podem dormir durante algumas horas nesse período. Segundo Rosmain et al. (2014), os elefantes asiáticos necessitam de, em média, 200 kg de comida para obter os nutrientes necessários e precisam beber mais de 190 litros de água todos os dias.

Há uma antiga cultura de posse e trabalho com elefantes no Sudeste Asiático, visto que são utilizados pelo homem acerca de 4 mil anos. Entre 1840 e 1870, muitos elefantes foram retirados da natureza para serem utilizados na exploração madeireira (SUTER; HOCKINGS; BAXTER, 2013). De acordo com Niskanen (1998), em 1898, o Governo Real Tailandês banuiu a exploração madeireira e deixou muitas pessoas desempregadas, assim como muitos elefantes nas ruas. O que foi algo totalmente novo para os elefantes, já que as cidades são muito barulhentas, bem diferentes do seu habitat natural (HART, 1994).

Atualmente, o turismo com elefantes é a única forma que os *mahouts*¹² têm de ganhar dinheiro legalmente (KONTOGEORGOPOULOS, 2009). Os elefantes são muito importantes para o turismo tailandês, sendo, em sua maioria, mantidos em campos de elefantes que funcionam em um sistema de semicativeiro (CHATKUPT; SOLLLOD; SAROBOL, 1999; KONTOGEORGOPOULOS, 2009).

Conforme Kontogeorgopoulos (2009), nesses campos são realizadas atividades com os elefantes, como a interação direta com turistas, onde esses podem alimentar os animais, tirar fotografias junto a eles e sentar-se sobre os mesmos em um *howdah*¹³, em caminhadas por florestas e também pelos rios. São usados para entretenimento quando tocam instrumentos musicais, como baterias e gongos, chutam bolas de futebol e dançam; há, também, demonstrações de obediência, principalmente aos seus *mahouts*, quando recebem comandos para sentar, deitar, levantar uma perna e ao demonstrarem habilidades para fazer obras de arte.

¹² Uma pessoa que tem conhecimento e habilidade para lidar com elefantes (HART, 1994).

¹³ Um banco para “cavalgar” nas costas de um elefante (KONTOGEORGOPOULOS, 2009).

Kontogeorgopoulos (2009) comenta que muitos autores estudam o ecoturismo e o turismo étnico no norte tailandês, porém pouco é discutido sobre os elefantes. De acordo com Kontogeorgopoulos (2009), para os ativistas animais, o turismo relacionado ao trabalho dos elefantes é considerado ilógico e artificial. Já na visão do próprio autor, o turismo contribui para o bem-estar animal dos elefantes domesticados, mesmo que de forma considerada imperfeita.

Kellert (1996 apud Kontogeorgopoulos, 2009) destaca que os campos de elefantes são a confirmação do controle humano sobre os animais. De acordo com Kontogeorgopoulos (2009), 95% de todos os elefantes existentes na Tailândia têm como donos pessoas ou empresas envolvidas na indústria do turismo.

Os passeios de elefantes configuram-se em grandes atrativos ao serem comercializados pelos agentes de viagens como uma experiência única de vida, em que o contato com o animal será emocionante. Em uma passagem rápida pelo site do *TripAdvisor*, é possível visualizar alguns tipos desses passeios, sendo os mais populares em parques de elefantes e, também, em alguns intitulados “santuários”. Nos parques de elefantes, o turista pode fazer uma série de atividades, como ver os elefantes pintarem quadros e fazer o passeio nas costas do animal utilizando o howdah. Já nos santuários, preza-se mais pela preservação do animal; mesmo assim, ainda existem locais que se intitulam santuários e utilizam o animal como meio de transporte turístico em passeios.

Em Jaipur, na Índia, existe um passeio famoso pelo Forte de Amer, com duração de 20 a 30 minutos, onde o turista tem a possibilidade de sentar no howdah, como na Figura 6, e seguir pela colina até a entrada principal, enquanto os elefantes estão adornados com tradicionais tecidos pintados. Atualmente, os passeios são reduzidos para evitar que os animais fiquem exaustos, sendo permitido transportar apenas dois passageiros por vez (JAIPUR TRAVEL GUIDE, 2018).

Figura 6 - Passeio de Elefantes, Forte Amber - Jaipur, Índia



Fonte: Ana Ghellardi (Blog Kangaroo Tours)

De acordo com Mendonça (2017), é possível observar os elefantes em alguns locais da Tailândia sem contribuir com a exploração do animal, ou seja, de uma forma com mais ética. Alguns deles são: *Elephant Nature Park*, um dos centros de resgate mais conhecidos, localizado há mais ou menos 60 km de Chiang Mai; *Burm and Emily's Elephant Sanctuary* (BEES), local para elefantes idosos que precisam de cuidados permanentes e que fica a quase 85 km de Chiang Mai; *Boon Lott's Elephant Sanctuary*, local que preza pelo bem-estar animal e localiza-se na província de Sukhothai; *Wild Life Friends of Thailand*, outro local que resgata elefantes vítimas de maus tratos e é localizado a 175 km de Bangkok; e o *Elephant's World*, um local para elefantes idosos e doentes, localizado na província de Kanchanaburi.

O Brasil também conta com um santuário de elefantes, o qual está localizado na Chapada dos Guimarães no Mato Grosso. O santuário começou a ser idealizado em 2010 em parceria com a *Elephant Voices*¹⁴. O Brasil foi escolhido para acolher um santuário por ser um país onde o clima é perfeito para os elefantes e por possuir um habitat adequado para os animais, além do potencial de ser um lar para os

¹⁴ Uma organização científica, sem fins lucrativos, que trabalha pelo bem-estar de elefantes em cativeiro no mundo inteiro (SANTUÁRIO DE ELEFANTES BRASIL, 2018).

vários elefantes que estavam sofrendo maus tratos na América do Sul, entre outros motivos. Porém, o primeiro animal foi recebido apenas em 2016 (ELEPHANTVOICES, 2018).

Segundo o site do próprio santuário, no momento existem duas residentes: Maia e Guida. É pretendido, porém, o resgate de muitos outros elefantes em cativeiro na América do Sul (SANTUÁRIO DE ELEFANTES BRASIL, 2018).

O site da Agência de Notícias de Direitos Animais (ANDA), publicou, em maio de 2018, que os elefantes explorados em madeiras receberão um lar em um santuário de elefantes com capacidade para até 300 animais em Mianmar¹⁵. De acordo com a Agência de Notícias, no local pretende-se reabilitar os animais e garantir sua segurança (COTÉZ, 2018).

Com o controle ambiental mais rígido e os esforços de Mianmar em reduzir a produção de teca¹⁶, a demanda por elefantes diminuiu, visto que já não são mais tão necessários. Já os elefantes em propriedades privadas, quando não apresentam mais interesse econômico, acabam sendo mortos pelos seus proprietários ou vendidos para serem utilizados em atividades turísticas como entretenimento (COTÉZ, 2018).

No momento, existem aproximadamente 7 mil elefantes em Mianmar e somente por volta de 2 mil deles vivem em estado selvagem, os demais estão em propriedades privadas ou pertencem a empresas estatais. Além disso, cerca de mil destes elefantes, já idosos, continuam a ser explorados pela indústria madeireira (COTÉZ, 2018).

2.2.2 Os Camelos e Dromedários

Dromedários (*Camelus dromedarius*) são caracterizados por uma única corcova, onde armazenam seu estoque de comida quando necessário, e um longo e

¹⁵ Antiga Birmânia, país ao sul da Ásia continental limitado ao norte e nordeste pela China, a leste pelo Laos e a sudeste pela Tailândia (VIAGEM E TURISMO, s.d.).

¹⁶ Uma espécie de árvore com alto valor comercial.

curvado pescoço. O tamanho da corcova depende muito do tamanho do camelo e da necessidade de estocar comida para longos períodos de fome. Dromedários machos podem pesar de 400 a 600 kg, enquanto as fêmeas são geralmente 10% menores (KÖHLER-ROLLEFSON, 1991).

Segundo Nowak (1991), os dromedários ocupam as regiões áridas do Oriente Médio, passando pelo norte da Índia e África, mais comumente no Deserto do Saara.

Os camelos são animais populares no Marrocos. Dentre os usos desses animais estão o transporte e, também, o fato de serem atrativos turísticos da região. Além disso, são utilizados para se chegar a locais mais afastados, onde o acesso de carro é mais difícil (MARROCOS.COM, s.d.).

Locais como o *Auberge du Sud*¹⁷ vendem o passeio de camelo como uma experiência que não pode faltar na visita ao deserto africano; esses locais têm uma excelente reputação por esse ser um dos serviços mais requisitados do local. Nesse tipo de passeio, o turista pode usufruir de uma equipe que o acompanhará em todo percurso, optar pelo passeio mais longo, em que é possível pernoitar em uma tenda no meio do deserto, ou por passeio mais curtos para apreciar o pôr ou nascer do sol nas dunas (AUBERGE DU SUD, 2018).

No Brasil, também é possível encontrar esse tipo de serviço por meio de um empresário suíço que oferece passeios de dromedário¹⁸ pelas dunas de Genipabú, em Natal, Rio Grande do Norte. Por ser tão incomum na região, esse animal desperta o interesse dos turistas (G1, 2011).

Com um investimento de R\$200 mil, o negócio se iniciou no ano de 2000 a partir da importação de seis dromedários da África. De acordo com o empresário, que montou uma estrutura para os animais ficarem, a visão do negócio se deu quando esse viajava por outros países que oferecem o mesmo serviço e, ao olhar para as dunas de Natal, achou que a região era propícia para a prática (G1, 2011).

Ainda, de acordo com entrevista ao G1 (2011), todos os dias os animais seguem em fila, como na Figura 7, para a praia de Genipabú, a 25 km de Natal,

¹⁷ Hotel localizado em Merzouga, Marrocos.

¹⁸ Animais da família dos camelos, porém têm apenas uma corcova.

onde fica o QG da empresa; os dromedários ficam sentados do lado de fora esperando pelos turistas. Em alta temporada, a empresa faz até 85 passeios por dia, com duração de 20 minutos.

Figura 7 - Passeio de Dromedário, Natal - RN



Fonte: Cleide Batista (Dromedunas)

2.3 EVENTOS E EXPOSIÇÕES COM ANIMAIS

De acordo com Felizola (2011), no Brasil, o uso do animal é intenso, pois existem manifestações culturais e eventos como a Farra do Boi, as vaquejadas, a Festa do Peão de Boiadeiros, as puxadas de cavalo, as exposições de animais, entre outras, que podem ser caracterizadas como crime de maus tratos. Algumas foram proibidas por leis federais, estaduais e também municipais, porém, muitos desses eventos são mantidos por interesses políticos e econômicos.

Em 1998, com a instituição da Lei de Crimes Ambientais, as condutas que sujeitam os animais à crueldade foram criminalizadas. O artigo 32 da Lei nº 9.605/1998 estabelece que práticas abusivas, como maus tratos, situações em que

os animais possam se ferir ou mesmo ser mutilados - sejam esses animais silvestres, domésticos, nativos ou exóticos - geram penas. Dentre as penas estão a detenção de três meses a um ano e multa (FELIZOLA, 2011).

Por outro lado, em oposição, o artigo 215 da Constituição Federal diz que cabe ao Estado garantir o pleno exercício dos direitos culturais e o acesso às manifestações culturais nacionais, além de apoiá-las e incentivá-las (FELIZOLA, 2011).

Para Felizola (2011), surge aí uma divergência nos valores constitucionais entre o direito à manifestação cultural e ao lazer em confronto com a proteção animal. Para a autora, essa é uma questão cada vez mais discutida entre os integrantes das diversas modalidades de entretenimento e das entidades de proteção animal. Entre os impasses, foram citadas quatro questões significativas: a Farra do Boi, as rinhas, o uso dos animais em circos e os rodeios.

2.3.1 Rodeios

Atualmente, a festa de rodeio mais popular do Brasil é a Festa do Peão de Boiadeiro (Figura 8), que acontece em Barretos, São Paulo. Também ocorrem as festas em Americana (SP), Fernandópolis (SP), São José do Rio Preto (SP), Guaxupé (MG), Divinópolis (MG), Macaé (RJ), Vila Velha (ES) e Marabá (PA) (FELIZOLA, 2011).

Figura 8 - Festa do Peão de Boiadeiro



Fonte: André Monteiro

No conceito de rodeio, as manifestações onde os peões e vaqueiros demonstram seu talento com cavalos e bois, participando de diversas provas como laçar, apartar e marcar o gado, laçadas de bezerro (*calf roping*), laçadas duplas (*team roping*), derrubada de boi (*bulldogging*), rodeio mirim, entre outras, são consideradas um espetáculo para quem assiste (FELIZOLA, 2011).

Por outro lado,

Em tais apresentações, o boi pula e agita - se efusivamente - não porque é selvagem – mas porque sente dor e está sendo submetido a atos de extrema crueldade e maus tratos. O animal comporta-se de maneira

violenta, exatamente, porque foi e está sendo submetido à tortura física e psicológica. Foi provocado, surrado, eletrocutado, atormentado e deixado sem comida por longo período, além de outras formas de tormento, com o intuito de provocar um estado de frenesi no animal, estimulando a diversão alheia (FELIZOLA, 2011, p. 250).

De acordo com Felizola (2011), essa atividade se tornou mais popular com o tempo e, com isso, se deu a busca por novos atrativos que gerassem maiores lucros e pudessem entreter o público. Assim, os rodeios brasileiros passaram a ter características mais nacionalistas, incluindo, além do tradicional, atividades como leilões, exposições de animais, shows de música country e até de outros ritmos musicais, entre outras.

A lei federal nº 10.519/2002 dispõe sobre a promoção e a fiscalização da defesa sanitária animal quando da realização de rodeios. O referido diploma legislativo conceitua os rodeios de animais como sendo “atividades de montaria ou de cronometragem e as provas de laço, nas quais são avaliados a habilidade do atleta em dominar o animal com perícia e o desempenho do próprio animal” (FELIZOLA, 2011, p. 249).

No Rio Grande do Sul, o rodeio é uma tradição e acompanha diversos eventos das cidades gaúchas, fazendo parte, muitas vezes, das comemorações de aniversário dos municípios. No calendário oficial de eventos da Secretaria Estadual da Cultura, Turismo, Esporte e Lazer – SEDACTEL -, o maior número de eventos ocorre no mês de setembro junto às comemorações da Semana Farroupilha. Destacam-se os rodeios que ocorrem junto à Expointer - exposição internacional de animais, equipamentos para a agricultura e pecuária. No evento, que ocorre no Parque Assis Brasil, na cidade de Esteio (RS), os animais são as principais atrações, pois ocorrem exposições de mais de 150 espécies de animais, como bovinos de corte, bovinos de leite, gado misto, bubalinos, equinos, ovinos, caprinos, chinchilas, coelhos, entre outros. Além disso, acontecem os leilões, onde os animais permanecem confinados para sua posterior comercialização. Muito tradicional nesse evento é o Freio de Ouro, uma competição dividida em sete provas, com pontuação específica para o cavalo e para o ginete, como é chamado o cavaleiro (SEDACTEL, 2018).

As seis provas são:

Andadura: O equino é submetido as três andaduras típicas da raça, sendo elas o tranco, o trote e o galope.

Figura: O equino precisa realizar um percurso pré-determinado, demarcado com feno, no menor tempo possível.

Voltas sobre pata e esbarrada: Consiste na execução de três movimentos distintos: giro do animal sobre ele mesmo, esbarrada e recuada em linha reta.

Mangueira: Em uma mangueira de 16 x 9 metros, o ginete precisa manter apartado um novilho durante 45 segundos. Em seguida, realiza duas pechadas em um novilho.

Campo: Nesta etapa são executadas duas paleteadas com retomada e recondução do novilho.

Bayard/Sarmento: Consiste na realização de um percurso pré-determinado, em linha reta, onde deverão ser executadas esbarradas, atropeladas, voltas sobre pata e recuada. Esta prova é realizada na última fase do Freio de Ouro junto à repetição das provas de mangueira e campo que acabam sendo decisivas na escolha do grande campeão (CANAL RURAL, 2016, *on-line*).

Felizola (2011) acrescenta que, para evitar que o animal sofra tanto com o processo, a Lei de Rodeios buscou impedir que os acessórios utilizados nas montarias acarretassem em crueldade animal, já que, perante a legislação, os rodeios só são permitidos desde que não caracterizem tortura.

Como exemplo, tem-se a decisão da Câmara Reservada ao Meio Ambiente, do Tribunal da Justiça do Estado de São Paulo:

[...] Não há como se admitir, com o atual estágio de desenvolvimento sociocultural dos povos, que alguns ainda se valham de atos cruéis a animais a título de diversão e recreação. Neste sentido, o próprio Pretório Excelso já decidiu pela proibição da realização da ‘farra do boi’ no Estado de Santa Catarina. (...) Cabia ao Poder Público, como de fato o fez, disciplinar e exigir padrões de conduta das entidades promotoras de rodeio para se evitar a infringência da citada regra de proteção aos animais. (SÃO PAULO, 2008).

Uma decisão significativa que, baseada em laudos, fotos e nos princípios da prevenção e precaução do Direito Ambiental, conseguiu estabelecer a proibição do uso de pretextos que pudessem ocasionar sofrimento aos animais. Desta forma, a realização de provas que resultassem em tortura e maus tratos pode ser impedida, aponta Felizola (2011).

[...] as provas denominadas “bulldogging” (derrubada de boi), “team roping” (laço em dupla), “calf roping” (laço de bezerro) e quaisquer provas de derrubada, bem como o denominado “rodeio mirim” (com utilização de pôneis, bezerros, ovelhas ou carneiros em simulação a montaria ou práticas sugestivas de lançamento, doma ou subjugação)” da forma que são realizadas, acarretam em dor e sofrimento aos animais a elas expostos, o

mesmo se aplica para as provas onde são utilizadas esporas pontiagudas, chicotes (corda americana e sedém¹⁹) (p. 251 e 252).

No que concerne ao uso de certos objetos, a preocupação demonstrada em relação à prática dos maus tratos animais não é unanimidade entre os tribunais. Questões relacionadas à prática de choques elétricos ou queimaduras se enquadram nas pautas de tortura animal, porém o objeto sedém, que é amarrado ao redor do animal, na região pélvica, e apertado ao máximo a partir do momento em que o animal vai para a arena, causa dualidade entre os juízes, pois, para alguns, o tipo de material com que esse objeto é confeccionado é que indica se ocorre ou não a tortura (FELIZOLA, 2011).

Para Singer (2000), as práticas em rodeios que envolvem animais, apesar do apelo cultural, na maioria das vezes, acabam por desrespeitar as normas de proteção animal. As campanhas populares se destacam nas redes sociais como formas de explicar como poderia ser o entretenimento correto utilizando os animais, acrescenta o autor.

2.3.2 Carruagens e Charretes com tração animal

De acordo com Alcântara (2018), em abril de 2018, alguns estabelecimentos turísticos de Telluride, nos Estados Unidos, trouxeram a ideia de utilizar cavalos em carruagens para realizar o famoso passeio de charrete. Ativistas da PETA, *People for the Ethical Treatment of Animals*²⁰, souberam do interesse pela atividade e começaram, em maio, uma campanha contra esse tipo de passeio. A ação envolveu mais de 600 pessoas, que escreveram cartas aos estabelecimentos Telluride Wranglers, Museu Histórico de Telluride, e ao Conselho da Cidade. Com o intuito de fundamentar a campanha, a veterinária da região de Telluride, Christine Capoldo, escreveu ao prefeito e a membros do conselho - dando voz aos 81 mil afiliados da PETA no estado do Colorado, EUA -, dizendo que as carruagens fazem uma

¹⁹ Instrumento utilizado para produzir dor na região pélvica do animal, fazendo-o pular (FELIZOLA, 2011).

²⁰ Pessoas pelo tratamento ético dos animais (tradução nossa).

menção nostálgica ao passado, todavia, são cruéis com os cavalos e um perigo para os animais e humanos.

Singer (2000, p. 4) aponta que “a igualdade é uma ideia moral, e não a afirmação de um fato”, assim, a preocupação com o uso de animais na promoção do turismo, nos meios de comunicação e até mesmo em expressões populares deve ser regida por normas morais de condutas das comunidades.

Esse tipo de passeio com tração animal ocorre em diversos destinos turísticos como, por exemplo, no Central Park em Nova Iorque, em Évora e em muitos outros destinos. Ocorre também no litoral brasileiro, onde é possível, além do passeio de charrete com cavalos, utilizar o serviço oferecido com pôneis.

O seguinte capítulo trata da metodologia utilizada no estudo.

3 METODOLOGIA

Com o intuito de responder o objetivo geral deste estudo, que é o de refletir sobre o uso dos animais em atrações turísticas, este capítulo apresenta a metodologia utilizada.

Quanto aos objetivos, a pesquisa caracteriza-se como exploratória e descritiva. Segundo Prodanov e Freitas (2013, p. 51), a pesquisa exploratória, em fase preliminar, “tem como finalidade proporcionar mais informações sobre o assunto que vamos investigar” e também tem como objetivo “facilitar a delimitação do tema de pesquisa; orientar a fixação dos objetivos e a formulação das hipóteses ou descobrir um novo tipo de enfoque para o assunto”. Já, conforme Gil (2007, p. 43), o estudo exploratório tem como finalidade “desenvolver, esclarecer e modificar conceitos e ideias, tendo em vista, a formulação de problemas mais precisos ou hipóteses pesquisáveis para estudos posteriores”.

Na pesquisa descritiva, para Prodanov e Freitas (2013, p. 52), “o pesquisador apenas registra e descreve os fatos observados sem interferir neles”, envolvendo o uso de técnicas padronizadas com coleta de dados, como questionários e observação sistemática. Segundo Gil (2007, p. 44), as pesquisas descritivas “têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis” e “uma de suas características mais significativas está na utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados”.

Quanto à abordagem metodológica, o caráter é qualitativo. Prodanov e Freitas (2013, p. 70) consideram que “o pesquisador mantém contato direto com o ambiente e o objeto de estudo em questão, necessitando de um trabalho mais intensivo de campo”.

Na abordagem qualitativa, a pesquisa tem o ambiente como fonte direta dos dados. O pesquisador mantém contato direto com o ambiente e com o objeto de estudo em questão, necessitando de um trabalho de campo mais intensivo. Nesse caso, as questões são estudadas no ambiente em que elas se apresentam sem qualquer manipulação intencional do pesquisador. (PRODANOV; FREITAS, 2013, p.

70). Para Dencker (2002, p. 107), a pesquisa qualitativa “é adequada para se obter um conhecimento mais profundo de casos específicos, porém não permite a generalização em termos de probabilidade de ocorrência”.

Referente aos procedimentos técnicos, o estudo utilizará a pesquisa bibliográfica, documental e de campo.

A pesquisa bibliográfica, para Prodanov e Freitas (2013, p. 54), é “elaborada a partir de material já publicado, constituída principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos”. Segundo os autores, a pesquisa tem como objetivo “colocar o pesquisador em contato direto com o material já escrito sobre o assunto da pesquisa” (2013, p. 54). Dencker (2002, p. 125) complementa: “a pesquisa bibliográfica permite um grau de amplitude maior, economia de tempo e possibilita o levantamento de dados históricos”. Para Gil (2011, p. 50), a pesquisa bibliográfica “permite ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente”.

Na pesquisa documental, Prodanov e Freitas (2013, p. 55) afirmam que essa pode ser confundida com a bibliográfica devido às suas características; enquanto a bibliográfica utiliza contribuições de vários autores sobre um determinado assunto, a documental se baseia em materiais que podem ser reelaborados e que ainda não receberam tratamento analítico. Esse tipo de pesquisa se destaca pelo fato de que é possível organizar informações dispersas e conferir-lhes uma nova importância como fonte de consulta. São classificadas em dois tipos principais: fontes de primeira mão, que, segundo Gil (2008), são aquelas que não receberam nenhum tipo de tratamento analítico, tais como documentos oficiais, reportagens de jornal, cartas, contatos, filmes, fotografias, gravações, etc. E as de segunda mão, que são as que já passaram por análise, como relatórios de pesquisa, relatórios de empresas, tabelas estatísticas, entre outros.

Entende-se por documento todo e qualquer registro que possa ser usado como fonte de informação por meio de investigação e engloba: observação (crítica dos dados na obra), leitura (crítica da garantia, da interpretação e do valor da obra), reflexão (crítica do processo e do conteúdo da obra), crítica (juízo fundamentado sobre o valor do material utilizável para o trabalho científico). Esses documentos devem passar por uma avaliação crítica por parte do pesquisador.

Já a pesquisa de campo “é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema para o qual procuramos uma resposta, ou de uma hipótese, que queiramos comprovar” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 59).

Assim, a pesquisa de campo deste estudo consistiu na aplicação de questionário com perguntas simples e respostas fechadas, o qual foi aplicado a 150 viajantes que participaram de atrações turísticas, envolvendo animais, no Brasil e/ou exterior; a aplicação foi realizada por meio da ferramenta *Google Docs*, levando em consideração a facilidade de abrangência da mesma para diferentes pesquisados. Complementando, Marconi e Lakatos (1999, p. 85) afirmam que a pesquisa de campo “consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presumem relevantes, para analisá-los”.

A pesquisa, que consta no apêndice A, se caracteriza como amostragem não probabilística intencional. Segundo Dencker (2002, p. 179), é “qualquer tipo de amostragem em que a possibilidade de escolher um determinado elemento do universo é desconhecida”.

É o tipo mais simples de amostra não probabilística, já que o pesquisador se dirige intencionalmente a grupos de elementos dos quais deseja saber a opinião. São escolhidos casos para a amostra que representem um “bom julgamento” da população/do universo. Os resultados têm validade para aquele grupo específico, ou seja, em um contexto específico (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 99).

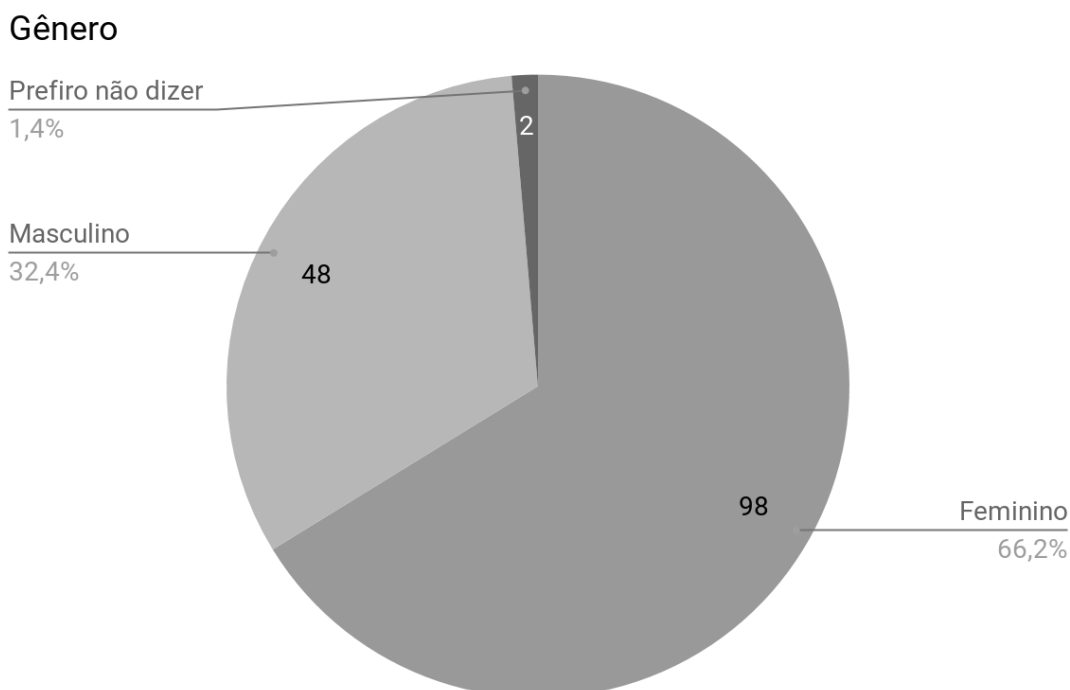
A seguir, o resultado da pesquisa de campo deste estudo é apresentado.

4 RESULTADOS

A pesquisa de campo se deu através de questionários online, distribuídos e aplicados entre os dias 19 e 25 de maio, obtendo a participação de 150 respondentes. A distribuição dos questionários ocorreu na rede social *Facebook* e por e-mail. Desenvolvido por meio do programa eletrônico *Google Docs*, o questionário (Apêndice A) contou com quinze questões, sendo que as seis primeiras foram destinadas ao perfil do pesquisado; oito tiveram o intuito de verificar se os turistas já haviam participado e assistido atividades com animais e o local onde realizaram as atividades; e a última foi uma questão aberta para comentários.

Em dados levantados a partir de pesquisa realizada junto a 150 entrevistados, foram obtidos os seguintes resultados:

Gráfico 1 - Gênero dos pesquisados



Nota: Base de 150 entrevistados.

Fonte: A autora (2018).

Como é possível observar no Gráfico 1, enquanto o gênero masculino totaliza 32,4% (48), a maioria dos entrevistados é do gênero feminino, totalizando 66,2% (98). Desse total, 1,4% dos entrevistados (2) preferiram não indicar seu gênero.

Gráfico 2 - Estado Civil dos pesquisados

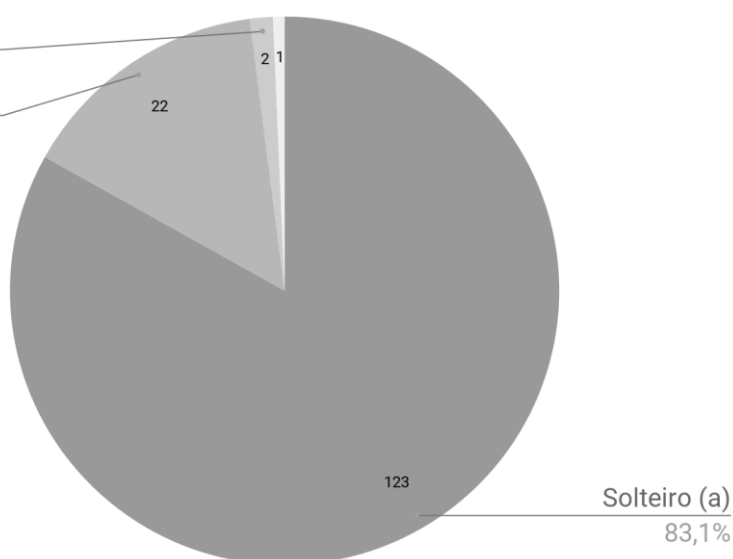
Estado Civil

Separado (a)

1,4%

Casado (a)

14,9%



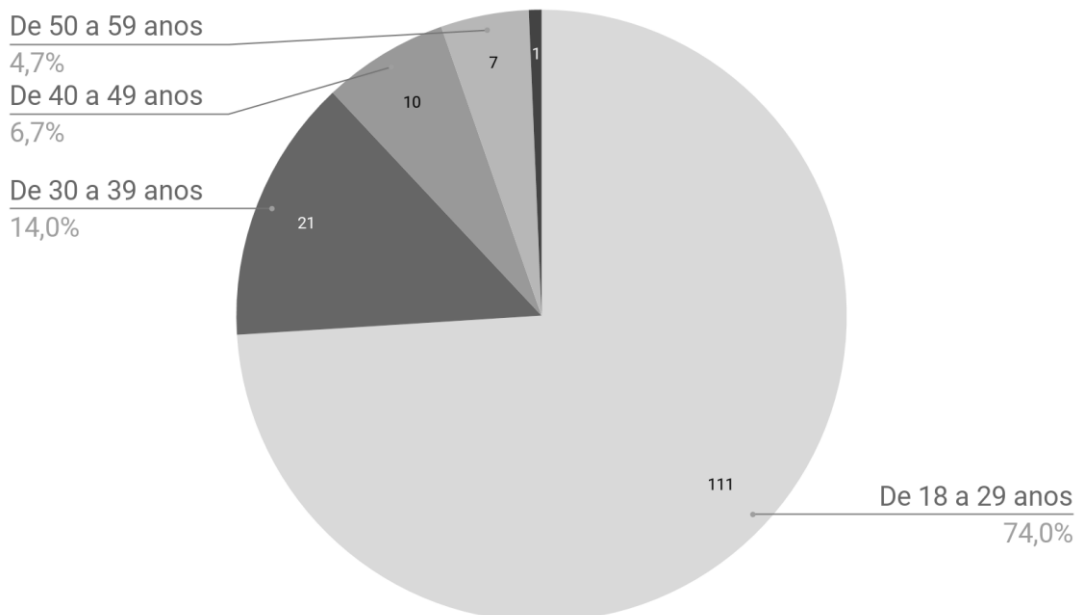
Nota: Base de 150 entrevistados.

Fonte: A autora (2018).

O Gráfico 2 mostra que 83,1% (123) dos entrevistados são solteiros; 14,9% (22) são casados; 1,4% (2) são separados; e 0,7% (1) é viúvo(a).

Gráfico 3 - Idades dos entrevistados

Idade



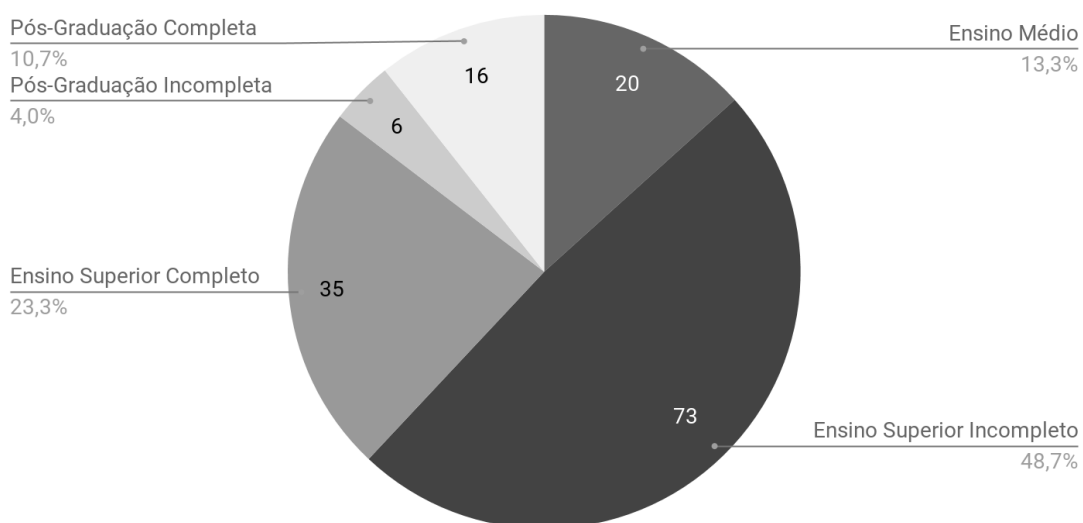
Nota: Base de 150 entrevistados.

Fonte: A autora (2018).

No quesito idade, 74% (111) têm entre 18 e 29 anos; 14% (21) têm entre 30 e 39 anos; 6,7% (10) têm entre 40 e 49 anos; 4,7% (7) têm entre 50 e 59 anos; 0,7% (1) tem entre 60 e 69 anos; e nenhuma pessoa com mais de 70 anos.

Gráfico 4 - Nível de Escolaridade dos entrevistados

Nível de Escolaridade



Nota: Base de 150 entrevistados.

Fonte: A autora (2018).

Em relação ao nível de escolaridade, a maioria dos entrevistados, 48,7% (73), possui ensino superior incompleto; 23,3% (35) possuem ensino superior completo; 13,3% (20) possuem ensino médio apenas; 10,7% (16) possuem pós-graduação completa; e 4% (6) possuem pós-graduação incompleta.

De acordo com a Tabela 1, é possível visualizar que a maioria dos entrevistados é residente de Farroupilha (40). As próximas na listagem são Caxias do Sul (17), Porto Alegre (12), Novo Hamburgo (10) e São Paulo (8).

Tabela 1 - Cidade de residência dos entrevistados

Localidade	Quantidade de Entrevistados	Localidade	Quantidade de Entrevistados
Farroupilha	40	Dois Irmãos	1
Caxias do Sul	17	Dublin – Irlanda	1
Porto Alegre	12	Florianópolis	1
Novo Hamburgo	10	Galway – Irlanda	1
São Paulo	8	Gramado	1
Nova Petrópolis	4	Guimarães - Portugal	1
Campo Bom	3	Heidelberg – Alemanha	1
Curitiba	3	Igrejinha	1
Flores da Cunha	3	Itália (não especificou a cidade)	1
Rio de Janeiro	3	Juiz de Fora	1
São Leopoldo	3	Lindolfo Collor	1
Belo Horizonte	2	Lisboa – Portugal	1
Brasília	2	Londrina	1
Irlanda (não colocou a cidade)	2	Montenegro	1
Ivoti	2	Parobé	1
São José dos Pinhais	2	Piracicaba	1
Sapiranga	2	Portugal (não especificou a cidade)	1
Americana	1	Rio Claro	1
Auburn – Estados Unidos	1	Sapucaia do Sul	1

Bento Gonçalves	1	Teresina	1
Bom Princípio	1	Tietê	1
Campinas	1	Tubarão	1
Canoas	1	Viamão	1
Carapicuíba	1	Vitória	1
Colônia – Alemanha	1		

Nota: Base de 150 entrevistados.

Fonte: A autora (2018).

Observa-se que, na Tabela 2 referente à atividade profissional dos entrevistados, foram citadas 62 profissões distintas.

Tabela 2 - Atividade profissional dos entrevistados

(continua)

Profissão	Quantidade de Entrevistados	Profissão	Quantidade de Entrevistados
Estudante	20	Jornalista	2
Outro	16	Recepcionista	2
Professor	10	Servidor (a) Público (a)	2
Desempregada (o)	8	Agente de Terminal	1
Vendedor (a)	8	Agente de Viagem	1
Artista	6	Analista de Marketing	1
Estagiária (o)	6	Analista de Recursos	1

Profissão	Quantidade de Entrevistados	Profissão	Quantidade de Entrevistados
		Humanos	
Auxiliar Administrativo	4	Analista de Sistemas	1
Arquiteta (o)	3	Assistente de Vendas	1
Dona de Casa	3	Atendente de Guest Service	1
Fotógrafa (o)	3	Auxiliar de Biblioteca	1
Gerente	3	Auxiliar de Estilista	1
Aposentada	2	Barista	1
Atendente	2	Barman	1
Autônoma (o)	2	Camareira	1
Bancária	2	Comerciante	1

Tabela 2 - Atividade profissional dos entrevistados

(conclusão)

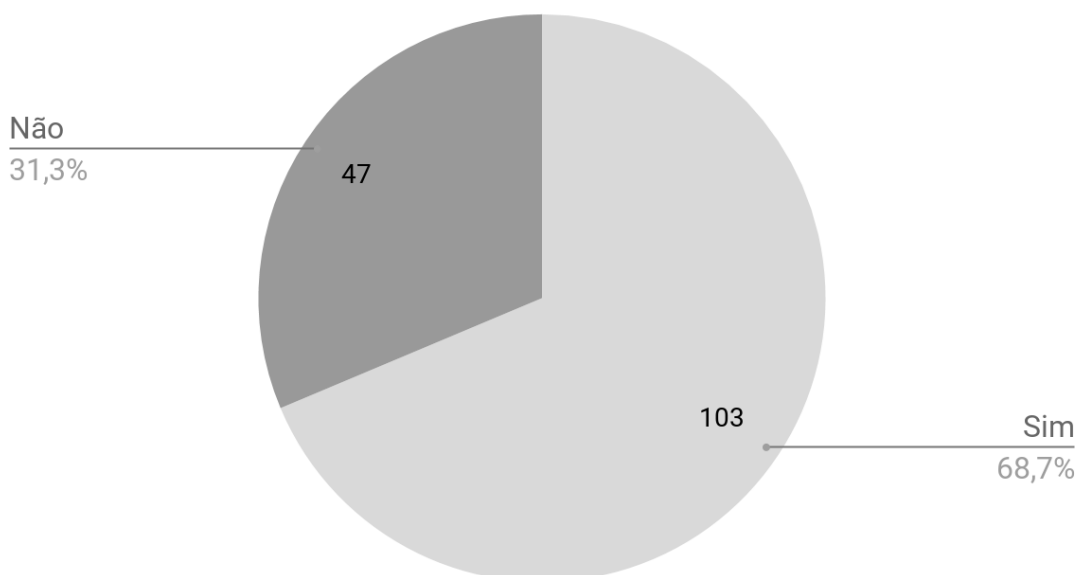
Profissão	Quantidade de Entrevistados	Profissão	Quantidade de Entrevistados
Consultora de Turismo	1	Manicure	1
Consultora de Viagens	1	Maquiadora	1
Cozinheira	1	Marketing	1
Cuidadora de Idosos	1	Massagista	1
Designer Gráfico	1	Museóloga	1
Designer	1	Música	1
Designer de Moda	1	Nutricionista	1
Despachante	1	Pedagoga	1
Educador Físico	1	Psicóloga	1
Educador Social	1	Publicitária	1
Enfermeira	1	Relações Internacionais	1
Engenheiro de Processos	1	Secretária	1
Engenheiro de Produção	1	Supervisora em Restaurante	1
Figurinista	1	Suporte Técnico	1
Financeiro	1	Técnico de Mineração	1
Guia de Turismo	1		

Nota: Base de 150 entrevistados.

Fonte: A autora (2018).

Gráfico 5 - Quantidade de entrevistados que assistiram espetáculos com animais

Você já assistiu atividades e espetáculos que utilizam animais?



Nota: Base de 150 entrevistados.

Fonte: A autora (2018).

Em relação a assistir atividades e espetáculos que utilizem animais, a maioria afirmou já ter assistido, apresentando 68,7% (103) contra os 31,3% (47) que disseram nunca ter assistido.

Dos entrevistados com resposta afirmativa, na Tabela 3, é possível analisar que, em sua maioria, esses já assistiram espetáculos com animais em Farroupilha (16) e Caxias do Sul (11), seguidos por Orlando (11) e Penha (10).

Tabela 3 - Cidades/Países onde os turistas assistiram atividades e espetáculos com animais

(continua)

Localidade	Quantidade de entrevistados	Localidade	Quantidade de entrevistados
Farroupilha	16	Bom Jesus	2
Caxias do Sul	11	Lisboa – Portugal	2
Orlando – Estados Unidos	11	Málaga – Espanha	2
Penha	10	Miami – Estados Unidos	2
Novo Hamburgo	8	Não Lembram	2
São Paulo	6	Piracicaba	2
Sapucaia do Sul	6	Santa Catarina	2
Circos	5	Sevilha – Espanha	2
Porto Alegre	4	Ubatuba	2
Vacaria	4	Águas de São Pedro	1
Campo Bom	3	Americana	1
Rio de Janeiro	3	Amsterdã – Holanda	1

Sapiranga

3

Balneário Camboriú

1

Tabela 3 - Cidades/Países onde os turistas assistiram atividades e espetáculos com animais

(continuação)

Localidade	Quantidade de entrevistados	Localidade	Quantidade de entrevistados
Barcelona – Espanha	1	Cancun – México	1
Bariloche – Argentina	1	Canela	1
Barretos	1	Capão da Canoa	1
Belo Horizonte	1	Carapicuíba	1
Bento Gonçalves	1	Chiang Mai – Tailândia	1
Bom Princípio	1	Curumin	1
Bonito	1	Évora – Portugal	1
Brasília	1	Esteio	1
Brochier	1	Flores da Cunha	1
Buenópolis	1	Foz do Iguaçu	1
Buenos Aires – Argentina	1	Frankfurt – Alemanha	1

Campinas	1	Galway – Irlanda	1
Campo Mourão	1	Garibaldi	1

Tabela 3 - Cidades/Países onde os turistas assistiram atividades e espetáculos com animais

(continuação)

Localidade	Quantidade de entrevistados	Localidade	Quantidade de entrevistados
Gramado	1	Munique – Alemanha	1
Gravataí	1	Navegantes	1
Itajaí	1	Nova Roma do Sul	1
Itajubá	1	Piçarras	1
Ivoti	1	Porto Seguro	1
Jacinto Machado	1	Portugal (não lembra a cidade)	1
Japão (não lembra a cidade)	1	Punta Cana – República Dominicana	1
Joanesburgo – África do Sul	1	Punta del Este – Uruguai	1
Las Vegas – Estados Unidos	1	Queenstown – Nova Zelândia	1
Londres – Inglaterra	1	Ribeirão Pires	1

Madri – Espanha	1	Salvador	1
Marraquexe – Marrocos	1	Santiago – Chile	1
Merzouga – Marrocos	1	São Leopoldo	1

Tabela 3 - Cidades/Países onde os turistas assistiram atividades e espetáculos com animais

(conclusão)

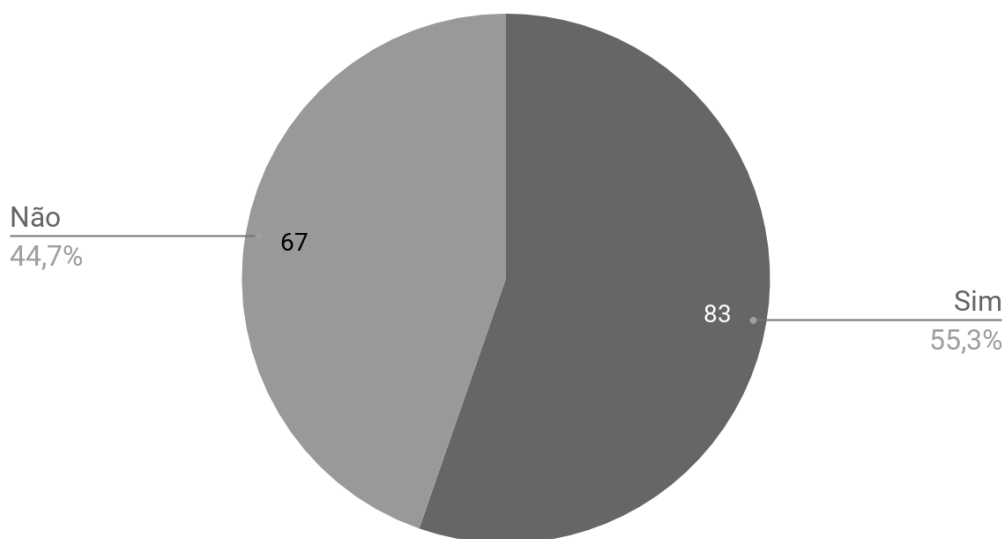
Localidade	Quantidade de entrevistados	Localidade	Quantidade de entrevistados
Tenerife – Espanha	1	Viamão	1
Toledo – Espanha	1	Viena - Áustria	1

Nota: Base de 150 entrevistados.

Fonte: A autora (2018).

Gráfico 6 - Porcentagem de entrevistados que realizaram atividades turísticas que utilizam animais

Você já realizou atividades turísticas que utilizam animais?



Nota: Base de 150 entrevistados.

Fonte: A autora (2018).

Pouco mais da metade dos entrevistados, no caso 55,3% (83), afirmaram já ter realizado atividades que utilizem animais, enquanto 44,7% (67) não as realizaram.

De acordo com a Tabela 4, as cidades e/ou países em que os entrevistados mais realizaram atividades com animais foram Sapucaia do Sul (9), Foz do Iguaçu (8), Farroupilha (6) e Marrocos (4).

Tabela 4 - Local onde os entrevistados realizaram atividades com animais

(continua)

Localidade	Quantidade de entrevistados	Localidade	Quantidade de entrevistados
Sapucaia do Sul	9	Americana	1
Foz do Iguaçu	8	Andradina	1

Farroupilha	6	Aracaju	1
Marrocos (não especificou a cidade)	4	Balneário Camboriú	1
Cancun - México	3	Barcelona - Espanha	1
Esteio	3	Belo Horizonte	1
Gramado	3	Brasília	1
Orlando- Estados Unidos	3	Cairo - Egito	1
Natal	3	Canela	1
Zoológico (não especificou a cidade)	3	Campo Bom	1
Bonito	2	Chiang Mai – Tailândia	1
Caxias do Sul	2	Curitiba	1
Gravataí	2	Flores da Cunha	1
Marraquexe- Marrocos	2	Florianópolis	1
Penha	2	Ivoti	1
Porto Alegre	2	Maceió	1
Tailândia (não especificou a cidade)	2	Mar del Plata - Argentina	1

Tabela 4 - Local onde os entrevistados realizaram atividades com animais

(conclusão)

Localidade	Quantidade de entrevistados	Localidade	Quantidade de entrevistados
------------	-----------------------------	------------	-----------------------------

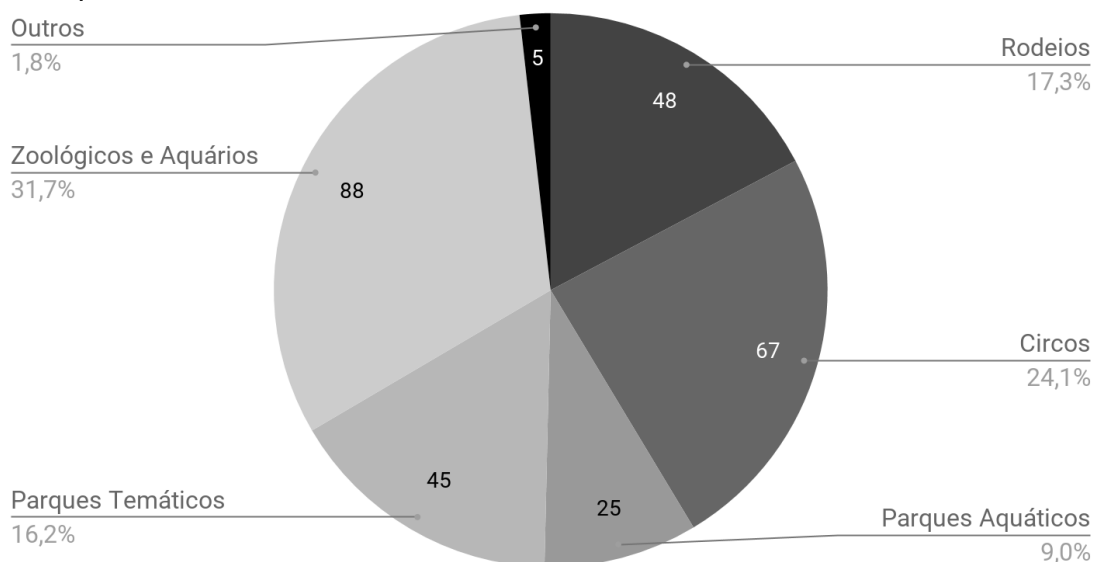
Morskie Oko - Polônia	1	São Paulo	1
Munique - Alemanha	1	Serra Negra	1
Não lembra	1	Tel Aviv - Israel	1
Niterói	1	Tiradentes	1
Novo Hamburgo	1	Torres	1
Playa del Carmen – México	1	Turquia (não especificou a cidade)	1
Porto Seguro	1	Vacaria	1
Rio de Janeiro	1	Viamão	1

Nota: Base de 150 entrevistados.

Fonte: A autora (2018).

Gráfico 7 - Locais onde os turistas assistiram atividades com animais

Indique onde você assistiu atividades com animais:



Nota: Base de 150 entrevistados.

Fonte: A autora (2018).

Os locais onde os turistas mais assistiram atividades com animais foram os zoológicos e os aquários (31,7%). Em segundo lugar, estão os circos (24,1%), seguidos por rodeios (17,3%) e parques temáticos (9%).

Tabela 5 - Atividades com animais realizadas pelos entrevistados

Atividade	Quantidade de entrevistados	Atividade	Quantidade de entrevistados
Passeio com cavalos, pôneis, burros, jegues e jumentos	71	Passar a mão em animais carnívoros (filhotes e adultos)	6
Passeio de charrete com tração animal	43	Foto com alpaca/lhama	5
Foto com animais silvestres domesticados	28	Passeio com elefante	3
Segurar tartarugas	21	Outros	3
Segurar cobras	20	Nado com arraías	2
Passeio de camelo/dromedário	11	Passeio de trenó puxado por animais na neve	1
Nado e/ou beijo em golfinhos	11		

Nota: Base de 150 entrevistados.

Fonte: A autora (2018).

De acordo com a Tabela 5, observa-se que a maioria dos entrevistados fizeram passeios com cavalos, pôneis, burros, jegues e jumentos.

Tabela 6 - Quantidade de entrevistados que concordam, ou não, com o uso dos animais no turismo

Atividade	Concordo	Não concordo
Animais retirados do seu habitat natural para cativeiro.	3	147
Animais utilizados para carga/transporte.	20	129
Animais silvestres domesticados.	13	136
Animais de grande porte confinados em pequenos espaços.	1	149
Animais convivendo com outros animais que não são da mesma estrutura familiar que a sua.	30	119
Contato exagerado com um ser de outra espécie.	10	137
Estresse causado pela exposição do animal.	2	146
Uso ininterrupto dos animais para o entretenimento.	2	148

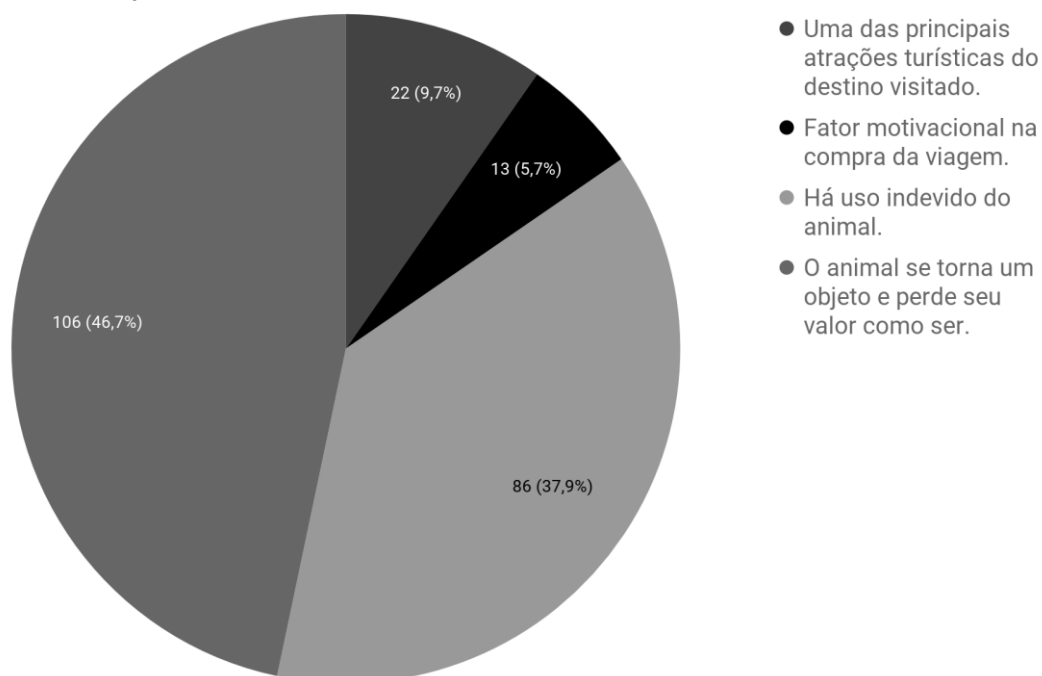
Nota: Base de 150 entrevistados.

Fonte: A autora (2018).

Na Tabela acima, enquanto alguns concordam, é possível observar que, em sua grande maioria, os entrevistados não concordam com o uso do animal no turismo.

Gráfico 8 - Percepção do turista em relação a atividades realizadas com animais em destinos turísticos

Como você percebe as atividades realizadas com animais em Destinos Turísticos:



Nota: Base de 150 entrevistados.

Fonte: A autora (2018).

Segundo a percepção dos turistas, ao final do questionário, os 46,7% (106) - ou seja, a maioria - percebem que o animal se torna um objeto e perde seu valor como ser nas atrações turísticas; em seguida, com 37,9% (86), notam que há uso indevido do animal.

Quadro 1 - Comentários dos entrevistados

(continua)

Ressaltando que na questão 11, primeira pergunta. A menos que o animal esteja sendo retirado para preservação da espécie ou machucado.

Costumo evitar este tipo de atrativos turísticos, na cidade em vivo existe uma tradição que envolve atividades de touromaquia protegida pelo argumento da cultura e que acontece também com o apoio da Associação Acadêmica. Estamos tentando retirar ao menos o vínculo destas atividades com a academia e seus estudantes.

Acho terrível qualquer atração com animais. Também não vou mais a zoológicos, nem aquários, nem nada do gênero. Me interessa por santuários animais e acho uma interessante alternativa para quem se interessa.

Quadro 1 - Comentários dos entrevistados

(continuação)

Não concordo com nenhuma opção anterior. Creio que possa haver uma relação de respeito entre homens e animais, estes protegidos pelos homens, se necessário.

Eu não concordo com o uso de animais em circos, parques temáticos, etc. Única apresentação com animais que vi foi um cantor que levava seu cachorro aos shows de rua pois o cão uivava nos refrões das músicas e isso encantava quem passava pela rua. Apesar do cão estar servindo de atração, ele parecia contente se estar com seu dono.

Acredito que manter animal em cativeiro apenas quando necessário, por exemplo, se está machucado o ideal seria curá-lo e após devolvê-lo.

Parabéns pelo assunto! Uma futura Turismóloga que se importa com o que oferece ao público, independentemente da comercialização por si só. Ótimo assunto!

Sou a favor do uso consciente de animais para manter tradições como uso de charretes.

Mais ou menos a três anos atrás eu ainda financiava esse tipo de crime que é a exploração turística animal. Hoje tenho a noção, a vergonha, o pavor e a revolta de ser totalmente contra a qualquer atividade/show com animais silvestres, incluindo parques temáticos e zoológicos.

É sempre importante saber como é o tratamento que o animal recebe. No caso dos dromedários, questionamos se os mesmos não sentiam dores e se não éramos pesados para eles, a resposta que obtivemos é que caso seja pesado o próprio animal chora e não faz o transporte, tanto que algumas pessoas fizeram o trajeto a pé. O transporte não levou mais de 30 min e os animais descansaram até no outro dia, para a volta. Pareciam bem cuidados e saudáveis.

Acho importantíssima a pesquisa, pois assim como os seres humanos estão finalmente reivindicando seus direitos, os animais também merecem esse espaço de protesto. Espero que assim como você, o resto da população se conscientize e comece a dar o devido respeito às outras espécies!!

A maioria das pessoas que escolhem um destino turístico que contém atividades com animais, não param para refletir tudo que os animais sofrem, e quando são abordados e alguém com conhecimento mostra a realidade, todos se comovem. Parece que falta mais educação nas escolas sobre o assunto deste tcc, a população brasileira não se importa tanto pela falta de conhecimento, pois se formos comparar com países de primeiro mundo, a população parece ter mais consciência.

Quadro 1 - Comentários dos entrevistados

(continuação)

A interferência humana realizada quando se estabelece uma relação do mesmo com um animal de estimação se enquadra no quesito “contato exagerado com um ser de outra espécie”? Não entendi que tipos e níveis de interferências podem ser consideradas exageradas. Se existe interferência negativa e positiva, ou todas são negativas (realmente fiquei pensando sobre isso e não sei responder). Acho que poderia ter uma pergunta sobre mudança de opinião também, porque tem muitas pessoas que realizam atividades envolvendo animais em passeios da escola ou familiares no período da infância e depois crescidos acessam informações que permitem questionamentos/pesquisas/compreensão sobre a realidade.
Já frequentei e utilizei animais em atividades mas hoje tento ser uma pessoa melhor e não incentivar atrações turísticas com animais que visivelmente (ou não) são mal tratados. Evoluir!!
É muito importante essa pesquisa. A Academia discute pouco. Turismólogos devem se posicionar.
Me arrependo de já ter financiado): hoje não mais
Nenhuma exploração animal deve acontecer.
A pergunta de número 12, fiquei sem muita resposta ou não conseguir responder. Sou do interior e fui criado na roça, amo os animais e sei dos seus valores, mas gosto também de montar a cavalo e andar no campo!

Quando criança, andei algumas vezes a cavalo e eu realmente não via nada de errado, não tinha essa consciência. A atração com animais marinhos eu tb não tinha conhecimento do egoísmo que é tirar os animais do seu habitat natural pra usar como entretenimento. Hoje eu abomino toda e qualquer atração com animais, não visito e tento repassar essa mensagem sempre que possível.
Animais saindo seres vivos e merecem nosso respeito.
Alimentar-se de animais também é um atrativo turístico. Por exemplo na Tailândia, as ostras colhidas frescas e preparadas na hora, ou a carne de baleia norueguesa, ou então até o mesmo um peixe feito na hora, na beira da praia em Recife. A maior exploração animal é a linha de produção de alimentos.
Minha ida ao Miami Seaquarium foi em 1969, levada pelos meus pais...naquela época não havia a conscientização...
Hoje não faço mais nenhum tipo de turismo que envolva animais. Evito na verdade. Acabo de voltar de uma viagem à Punta Cana e me recusei a fazer fotos com animais como araras, papagaios e saguis.

Quadro 1 - Comentários dos entrevistados

(conclusão)

Eu sou completamente contra o uso de animais como forma de entretenimento. Já causamos danos demais aos animais, e nada mais justo que deixá-los livres do stress e do enclausuramento, em seus habitats naturais. Sei que meu pensamento, em parte, é utópico, pois muitas espécies já se encontram em extinção e precisam da nossa interferência para que possam continuar existindo, e muitas outras precisam da nossa proteção para que não sejam vítimas de caça predatória, como em safáris de caça, outro tipo de turismo sangrento e sofrível que existe em alguns países africanos. Porém, se educarmos as próximas gerações para que se conscientizem de que caçar, se divertir ou abusar de animais para divertimento próprio é errado, acredito que o futuro de muitas espécies possa ser salvo.
Questão 11 um pouco confusa
Acho válido diferenciar os espaços que retiram e os espaços que resgatam. Muitos fazem essa retirada do habitat para o entretenimento e o confinamento, o que é terrível, mas também há os que resgatam animais ameaçados ou vulneráveis para que eles tenham condições de sobreviver (ainda que num espaço artificial e limitado). Pesquisa super relevante.

Nota: Base de 150 entrevistados.

Fonte: A autora (2018).

5 INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS DA PESQUISA

Neste capítulo, serão apresentados os resultados da pesquisa de campo relacionados ao referencial teórico desenvolvido, bem como os resultados obtidos juntos aos 150 turistas que assistiram ou participaram de atividades turísticas com animais.

O turismo é considerado um fenômeno social que envolve o deslocamento voluntário e temporário de pessoas. Realiza-se por diversos motivos, entre eles a recreação, o descanso, a cultura e a saúde (DE LA TORRE, 1997). Para Dumazedier (1999), há uma sinergia que pode auxiliar na concepção da imagem dos destinos turísticos por conta das atividades que proporcionam momentos de prazer, estabelecida por ele, quando se trata das funções de descanso e de desenvolvimento - por meio da aprendizagem - e da função de divertimento, recreação e entretenimento.

Conforme Trigo (2003), já o entretenimento é conceituado como algo que diverte as pessoas em momentos de recreação, podendo ser também entendido como uma espécie de espetáculo feito para encantar quem o assiste ou participa da atração.

As práticas de entretenimento utilizando os animais são bastante antigas e vêm sendo utilizadas nos dias atuais. De acordo com Sanders e Feijó (2007), o fato de se utilizarem animais selvagens em zoológicos teve início com os egípcios. Durante suas viagens e batalhas, eles tinham o hábito de capturar gatos selvagens, babuínos e leões, o que lhes conferia, muitas vezes, símbolo de força e poder.

Observando o perfil dos turistas, pode-se constatar que a maior parte deles é do gênero feminino - 66,2% - e, em relação à faixa etária, com maior número de participação, 74% possuem entre 18 e 29 anos. Quanto ao estado civil, a maioria dos pesquisados - 83,1% - se declara como solteiros. O nível de escolaridade que atingiu maior destaque - 48,7% - foi o ensino superior incompleto. A respeito da cidade de residência dos pesquisados, verificou-se a participação de diversos estados do Brasil, tais como: RS, SP, PR, RJ, MG, DF, SC, PI, ES; além das

participações internacionais como: Irlanda, Estados Unidos, Alemanha, Marrocos, Portugal e Itália.

As atividades profissionais que tiveram números mais significativos de respostas foram: estudante (20) e outro (16) – profissão não informada.

Ao serem questionados se já assistiram atividades e espetáculos que utilizam animais, o maior número de entrevistados (68,7%) respondeu afirmativamente. Pediu-se, também, que indicassem as cidades: Farroupilha (16) foi a mais indicada, seguida de Caxias do Sul (11), Orlando (11) e Penha (10).

Ao serem questionados se já realizaram atividades turísticas que utilizam animais, 55,3% responderam negativamente e 44,7% apontaram que já realizaram. Pediu-se, também, que indicassem as cidades da prática: a cidade de Sapucaia do Sul (9) ficou em primeiro lugar, seguida de Foz do Iguaçu (8), Farroupilha (6) e Marrocos (4), onde a cidade não foi especificada.

O turismo é uma atividade que provoca mudanças nas comunidades receptoras de acordo com sua organização e dinâmica sociocultural. Os resultados do fenômeno do encontro de culturas distintas, os impactos que uma exerce sobre a outra, as percepções e avaliações provenientes desse contato, em ambas as partes, são consequências que, mesmo sendo mais notadas em relação à comunidade receptora, também são expressivas aos visitantes (SILVA; SANT'ANNA, 2014). E, com isso, é possível analisar o questionamento feito aos pesquisados sobre o local em que assistiram atividades com animais. As respostas obtidas permitem fazer a ligação cultural com as respostas, que foram de maioria para Zoológicos e Aquários (67,2%), Circos (51,1%) e Rodeios (36,6%).

Foi solicitado aos pesquisados que indicassem as atividades já realizadas com animais e a maioria apontou os passeios de cavalos, pôneis, burros, jegues e jumentos, os quais podem ou não ser ligados aos rodeios - atividades comuns no Brasil. Para Singer (2000), as práticas em rodeios que envolvam animais, apesar do apelo cultural, na maioria das vezes, acabam por desrespeitar as normas de proteção animal. Em sequência, os mais apontados foram o passeio de charrete e fotos com animais silvestres. De acordo com Barretto (2012), abre-se a discussão sobre o termo “impacto” com a intenção de definir a relação do turismo com as localidades turísticas, já que os turistas provocam efeitos na cultura e na sociedade.

Ao serem questionados se concordavam ou não com algumas práticas que ocorrem com os animais (animais retirados do seu habitat natural para cativeiro, transporte, domesticação, confinamento, convívio forçado e exagerado com outras espécies, estresse e uso ininterrupto do animal para entretenimento), a maioria respondeu não estar de acordo com essas práticas.

Quando questionados sobre como percebem as atividades realizadas com animais em destinos turísticos, os turistas acreditam que há uso indevido do animal e, também, que o animal se torna um objeto e perde seu valor como ser. É algo que fica mais aparente no momento, já que as pessoas passaram a se importar mais com as minorias, e como cita Dencker (2015):

Os fluxos turísticos mudam muito rápido, ainda mais com um novo padrão comportamental relacionado às novas tecnologias de comunicação, que possibilitam o conhecimento mais acessível. Este conhecimento que flui, criando novas tribos, firmando ou criticando comportamentos, modismos e formando novos padrões de vida. (DENCKER, 2015, p. 35).

De acordo com Teixeira et. al (2008, apud SILVA; SANT'ANNA, 2014), o turismo aflora a necessidade de se estudar as culturas em circulação no contexto turístico consolidado, pois, sob determinado ponto de vista, esse contato pode fazer com que as culturas sejam alteradas, assim como também pode vir a contribuir para sua manutenção e recuperação cultural e identitária. No caso, pode haver tanto a flexibilização como a fragmentação da identidade cultural dos grupos locais. E isso pode ser percebido em um dos comentários da pesquisa, em que o entrevistado diz:

Costumo evitar este tipo de atrativos turísticos, na cidade em vivo existe uma tradição que envolve atividades de touromaquia protegida pelo argumento da cultura e que acontece também com o apoio da Associação Acadêmica. Estamos tentando retirar ao menos o vínculo destas atividades com a academia e seus estudantes (Entrevista concedida à autora).

Analisando os resultados mencionados anteriormente entende-se que o questionamento foi respondido e a hipótese foi confirmada, mostrando que os turistas percebem o uso do animal como exploração animal, mas nem sempre deixam de utilizar o serviço.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A percepção do uso de animais no turismo é um aprendizado constante, já que a maioria das pessoas foi ensinada que alguns animais se caracterizam como comida, outros como transporte e outros como atrativos turísticos.

Com o estudo, pode-se observar que o turista, muitas vezes, não percebe o uso do animal como algo nocivo e acaba por utilizar esse tipo de entretenimento turístico, já que esses animais foram comercializados para ele como objetos a sua disposição. Portanto, na maioria das vezes, tornam-se uma das principais atrações de uma viagem na busca do que pode ser entendido como participar da cultura de uma determinada localidade.

Entende-se que este estudo permite repensar o tipo de entretenimento turístico que se realiza nos destinos e, desta forma, pode ser usado para futuras reflexões, em que seja possível minimizar os danos causados pela exploração animal e reduzir o uso de animais no próprio turismo, instigando, assim, o setor a criar mecanismos e atividades sem a utilização de animais em atrações turísticas. Como sugestão, indica-se atuar em conjunto com a sensibilização do turista sobre a proteção animal, o que já é o caso de alguns locais como, por exemplo, o Projeto TAMAR.

Com a pesquisa, foi possível atingir o objetivo geral ao refletir sobre o uso do animal e, também, ao analisar as respostas do questionário e comentários, em que os turistas afirmaram que, mesmo previamente não percebendo, com o tempo, eles foram mudando de opinião e também sua forma de ver o animal.

Com os comentários, houve uma grande surpresa ao serem lidos elogios acerca do tema escolhido e, também, ao observar que algumas pessoas conseguem visualizar o uso do animal no turismo como exploração, deixando de utilizar esse tipo de serviço. Esse fato levou ao que diz Barretto (2012), quando essa afirma que o Turismo Cultural acaba surgindo como alternativa ao turismo padrão, em que as minorias, ou seja, os turistas não institucionalizados, experimentais, experienciais e existenciais acabam sendo menos danosos ao meio ambiente natural e cultural. Seguindo esse princípio, o turismo cultural teria menos efeitos negativos; por outro

lado, esse turista quer um contato mais profundo com a população local, mas, mesmo assim, respeita seu modo de viver. Logo, acredita-se que poderão existir alternativas ao turismo padrão - em que o animal é utilizado para entretenimento -, como já é o caso dos Santuários de Elefantes, onde o contato com o animal é inexistente.

Fica claro também que o local ideal para os animais não é em cativeiro, já que eles não conseguem viver plenamente nesse ambiente; ainda, estão suscetíveis a danos psicológicos e a estados de depressão, o que pode acarretar até mesmo em sua morte prematura.

É de um egoísmo imenso querer enjaular um ser que nasceu para ser livre e viver com outros de sua espécie para que passe a sua curta vida em cativeiro, entretendo o público para gerar lucro. E não se pode esquecer dos animais que são utilizados para reprodução nesses mesmos cativeiros. Acredita-se que essas práticas deveriam ser extintas, já que o objetivo real não é a preservação da espécie, e sim seu comércio para gerar novas fontes de ganhos financeiros.

É interessante levar em conta o exemplo da Baleia Orca, visto que esse animal está acostumado a nadar 200 km por dia na natureza e vive em um habitat que pode ter centenas, senão milhares de quilômetros quadrados. Quando são presas em cativeiro, o tanque de concreto não é maior que uns dez milésimos do tamanho total, ou seja, o cativeiro não consegue se adequar às necessidades do animal. As circunstâncias mostram que parar com o uso das orcas em shows e exposições públicas teria apenas um mínimo impacto econômico, afetando somente um pequeno número de instalações de exibição pública.

A principal dificuldade do estudo foi a busca por um referencial teórico em que a relação do animal com o turismo estivesse em foco, além da falta de bibliografia nacional. Devido a isso, foram utilizados diversos artigos de pesquisadores estrangeiros.

O fato de a pesquisadora ter escolhido este tema é resultado de um estilo de vida que não vê o animal como alimento, e sim como um ser de mesmo valor que o ser humano e que deveria coabitar o planeta sem sofrer interferências artificiais de qualquer outro indivíduo.

O aprendizado obtido com este estudo não é interessante somente para um estudante de Turismo, ou para pessoas da área, mas para todos aqueles que se importam com a existência de outros seres no mundo.

Diante dessas considerações, o presente estudo encontra-se aberto para novos aprofundamentos e espera-se que ele possa contribuir como material bibliográfico para trabalhos futuros acerca do tema.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, B. Cidade americana tenta explorar cavalos em carruagens para turismo. **ANDA**, [S.l.], 17 maio 2018. Disponível em: <<https://www.anda.jor.br/2018/05/cidade-americana-tenta-explorar-cavalos-em-carruagens-para-turismo/>>. Acesso em: 29 maio 2018.

AUBERGE CAFE DU SUD. **Passeios de Camelo Marrocos**. Disponível em: <<http://www.aubergedusud.com/hotel-marrocos/passeios-camelo-deserto/>>. Acesso em: 29 maio 2018.

BAPTISTOTTE, C. **Tartarugas Marinhas**: Projeto TAMAR. 1992. Disponível em: <http://www.tamar.org.br/publicacoes_html/pdf/1992/1992_Tartarugas_Marinhas_Projeto_TAMAR.pdf>. Acesso em: 17 maio 2018.

BARRETO, K. F. B.; GUIMARÃES, C. R. P.; OLIVEIRA, I. S. S. O zoológico como recurso didático para a prática de Educação Ambiental. **Revista entreideias: educação, cultura e sociedade**, v. 14, n. 15, 2009.

BARRETTO, M. **Cultura e turismo**: discussões contemporâneas. 2. ed. São Paulo: Papirus, 2012.

BARRETTO, M. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. 2. ed. Campinas: Papirus, 1997.

BARRETTO, M. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. 10. ed. Campinas: Papirus, 2001.

BERETTA, C. C. **Tração animal na agricultura**. São Paulo: Nobel, 1988..

BLACKFISH, Fúria animal. Direção: Gabriela Cowperthwaite. Produção: NETFLIX, EUA. Documentários sobre ciência e natureza. 2013.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Segmentação do Turismo**: Marcos Conceituais. Brasília: Ministério do Turismo, 2006. 55 p.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Turismo Cultural**: orientações básicas. 3. ed. Brasília: Ministério do Turismo, 2010. 96 p.

CANAL RURAL. **A história do freio de ouro**. [S.l.], 09 mar. 2016. Disponível em: <<http://freiodeouro.canalrural.com.br/entenda-o-freio/conheca-historia-do-freio-de-ouro/>>. Acesso em: 05 maio 2018.

CARMONA, N. et al. Identificação de arraias marinhas comerciais da costa norte brasileira com base em sequências de DNA mitocondrial. **Boletim Técnico-Científico do CEPNOR**, v. 8, p. 1-10, 2008.

CHATKUPT, T. T.; SOLLOD, A. E.; SAROBOL, S. Elephants in Thailand: determinants of health and welfare in working populations. **Journal of Applied Animal Welfare Science**, v. 2, n. 3, p. 187-203, 1999.

COTÉZ, F. Elefantes explorados em madeiras ganham lar em santuário. **ANDA**, [S.l.], 15 maio 2018. Disponível em: <<https://www.anda.jor.br/2018/05/elefantes-explorados-em-madeiras-ganham-lar-em-santuario/>>. Acesso em: 25 maio 2018.

CURTIS, H. **Biology**. Tradução de Heni Sauaia. 2 ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara Koogan S.A, 1977.

DE LA TORRE, O. **El turismo. Fenómeno social**. Fondo de Cultura Económica, México, 1997.

DENCKER, A. F. M. **Métodos e técnicas de pesquisa em turismo**. São Paulo: Futura, 2002.

DENCKER, A. F. M. Pesquisa de mercado em turismo: identificação de novos segmentos. In: PANOSSO NETTO, A.; ANSARAH, M. G. R. (Ed.). **Produtos Turísticos e Novos Segmentos de Mercado**. Barueri: Manole, 2015.

DIAS, R. **Fundamentos do marketing turístico**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005.

DUMAZEDIER, J. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1999.

ELEPHANTVOICES. ElephantVoices Brasil. Disponível em: <<https://www.elephantvoices.org/about-elephantvoices/elephantvoices-brasil.html>>. Acesso em: 28 maio 2018.

FELIZOLA, M. B. **A cultura de entretenimento com animais e o entendimento dos tribunais pátrios**. Revista Brasileira de Direito Animal. 2011.

FREE MORGAN FOUNDATION. **Violent incidents between humans and orcas in captivity**. Disponível em: <http://www.freemorgan.org/wp-content/uploads2012/10/list_of_incidents.pdf>. Acesso em: 29 maio 2018.

FICKEL, J. et al. Distribution of haplotypes and microsatellite alleles among Asian elephants (*Elephas maximus*) in Thailand. **European Journal of Wildlife Research**, v. 53, n. 4, p. 298-303, 2007.

G1. **Empresário suíço oferece passeio de dromedário nas dunas de Natal**. [S.l.], 21 ago. 2011. Disponível em: <<http://g1.globo.com/economia/pme/noticia/2011/08/empresario-suico-oferece-passeio-de-dromedario-nas-dunas-de-natal.html>>. Acesso em: 29 maio 2018.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

HUGHES, P. Animals, values and tourism—structural shifts in UK dolphin tourism provision. **Tourism Management**, v. 22, n. 4, p. 321-329, 2001.

INSTITUTO MARCOS DANIEL. **Turismo Científico**. Disponível em: <<https://www.imd.org.br/simbora-cientifico>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

JAIPUR TRAVEL GUIDE. **O Passeio de Elefante do Forte de Amer**. Disponível em: <<http://www.jaipur-travel-guide.com/pt/elefante-forte-amer-jaipur-pt.html>>. Acesso em: 28 maio 2018.

KÖHLER-ROLLEFSON, I. U. *Camelus dromedarius*. **Mammalian Species**, n. 375, p. 1-8, 1991.

KONTOGEORGOPOULOS, N. Wildlife tourism in semi-captive settings: a case study of elephant camps in northern Thailand. **Current Issues in Tourism**, v. 12, n. 5-6, p. 429-449, 2009.

LODI, L.; BOROBIA, M. **Baleias, botos e golfinhos do Brasil: guia de identificação**. [S.l.]: Technical Books Editora, 2013.

LOPES, A. L. Que fim levaram bichos famosos, como Chita, Lassie, Flipper e Willy? **Mundo estranho**, [S.l.], 18 abr. 2011. Disponível em: <<https://mundoestranho.abril.com.br/mundo-animal/que-fim-levaram-bichos-famosos-como-chita-lassie-flipper-e-willy/>>. Acesso em: 28 maio 2018.

LORENZO, M. G.; RODRÍGUEZ, C. M. I. **Elefante asiático sometido al turismo: ¿Cuál es el precio por romper su alma?** 2016. 19 p. Trabalho da Faculdade de Veterinária, Universidade de Santiago de Compostela, 2016.

MALKIN, E.; VILLEGAS, P. La oleada de turistas que impidió anidar a las tortugas. **El País**, [S.l.], 23 set. 2015. Disponível em: <https://elpais.com/elpais/2015/09/22/ciencia/1442931168_101668.html>. Acesso em 28 maio 2018.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de Pesquisa, planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa e elaboração, análise e interpretação de dados**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

MARCOVALDI, M. A.; MARCOVALDI, G. G. Marine turtles of Brazil: the history and structure of Projeto TAMAR-IBAMA. **Biological conservation**, v. 91, n. 1, p. 35-41, 1999.

MARROCOS.COM. **Passeio de Camelo no Deserto - Aventura nas Dunas do Saara**. Disponível em: <<http://www.marrocos.com/actividades/passeio-camelo-deserto/>>. Acesso em: 29 maio 2018.

MARTINEZ, M. G. **Report on captive dolphins in Mexico**. Cidade do México: Delfines en Libertad, 2015. Disponível em: <<http://endcap.eu/wp-content/uploads/2015/06/delib-investigation-on-dolphinaria-in-mexico.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2018.

MENDONÇA, A. Passeio de elefante na Tailândia: O que você deve saber. **Em algum lugar do mundo**, 31 mar. 2017. Disponível em: <<https://emalgumlugardomundo.com.br/passeio-de-elefante-na-tailandia/>>. Acesso em: 28 maio 2018.

MIAMI SEAQUARIUM. **Experiences.** Disponível em: <<https://www.miamiseaquarium.com/things-to-do/experiences>>. Acesso em: 21 maio 2018.

NEEDHAM, M. D. et al. Manta ray tourism: interpersonal and social values conflicts, sanctions, and management. **Journal of Sustainable Tourism**, v. 25, n. 10, p. 1367-1384, 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1080/09669582.2016.1274319>>. Acesso em: 20 maio 2018.

NEWSOME, D.; RODGER, K. To feed or not to feed: a contentious issue in wildlife tourism. **Too close for comfort**, p. 255, 2008.

NISKANEN, A. Financial and economic profitability of reforestation in Thailand. **Forest Ecology and Management**, v. 104, n. 1-3, p. 57-68, 1998.

NOWAK, R. M. **Walker's Mammals of the World**. Baltimore: John Hopkins University Press, 1991. v. 2.

OLIVEIRA, R. J. Marketing dos destinos: A segmentação da demanda turística. In: PANOSSO NETTO, A.; ANSARAH, M. G. R. (Ed.). **Produtos Turísticos e Novos Segmentos de Mercado**. Barueri: Manole, 2015.

ORTEGA, J.; EGGERT, L. The living elephants: evolutionary ecology, behavior, and conservation. **Journal of Mammalogy**, v. 85, n. 3, p. 581–582, 2004.

PANOSSO NETTO, A.; ANSARAH, M. G. R. (Ed.). **Produtos Turísticos e Novos Segmentos de Mercado**. Barueri: Manole, 2015.

PARQUE XCARET. Disponível em <<http://www.parquexcaret.com.br/>>. Acesso em 29 maio 2018.

PEREIRA, S. A presença dos animais na história do homem. **Revista Mundo dos Animais**. 12. ed. 2009. Disponível em: <<https://www.mundodosanimais.pt/animais-pre-historicos/a-presenca-dos-animais-na-historia-do-homem/>>. Acesso em: 29 maio 2017.

PINHEIRO, M. T. Valorização do patrimônio histórico-cultural: uma perspectiva sustentável para o desenvolvimento turístico. In: RUSCHMANN, D. V. M.; TOMELIN, C. A. (Org.). **Turismo, ensino e práticas interdisciplinares**. Barueri: Manole, 2013.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do Trabalho Científico**: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. E-book. Disponível em: <<http://www.feevale.br/Comum/midias/8807f05a-14d0-4d5b-b1ad-1538f3aef538/E-book%20Metodologia%20do%20Trabalho%20Cientifico.pdf>>. Acesso em: 22 fev. 2018.

PROJETO TAMAR. Disponível em: <<http://www.tamar.org.br/>>. Acesso em: 15 aio 2018.

REVISTA AQUI ALI. **Quantos anos vive uma tartaruga?** [S.l.], 28 abr. 2016. Disponível em: <<http://revistaaquiali.com.br/noticias/curiosidades/quantos-anos-vive-uma-tartaruga>>. Acesso em: 28 maio 2018.

ROSE, N. A. **Killer Controversy**: Why Orcas Should No Longer Be Kept in Captivity. Washington, D.C.: Humane Society International and The Humane Society of the United States, 2011. 16 p. Disponível em: <http://www.hsi.org/assets/pdfs/orca_white_paper.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2018.

SANDERS, A.; FEIJÓ, A. G. S. Uma reflexão sobre animais selvagens cativos em zoológicos na sociedade atual. In: CONGRESSO INTERNACIONAL TRANSDISCIPLINAR AMBIENTE E DIREITO, 3., 2007, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: PUCRS, 2007. p. 1-10. Disponível em: <http://www.academia.edu/7496021/UMA_REFLEX%C3%83O_SOBRE_ANIMAIS_SELVAGENS_CATIVOS_EM_ZOOL%C3%93GICOS>. Acesso em: 12 jun. 2017.

SANTUÁRIO DE ELEFANTES BRASIL. **Residentes do SEB**. Disponível em: <<http://santuariodeelefantes.org.br/residentes-do-seb/>>. Acesso em: 28 maio 2018.

SÃO PAULO (Estado). Apelação Cível com Revisão nº 539.402-5/9-00 (Comarca de Ribeirão Preto), de 11 de janeiro de 2008. Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo. Câmara Reservada ao Meio Ambiente.

SEAWORLD. **SeaWorld's signature killer whale show**. Disponível em: <<https://seaworld.com/orlando/shows/one-ocean/>>. Acesso em: 21 maio 2018.

SILVA, D. R.; SANT'ANNA, P. A. Turismo e Confronto com a Identidade Cultural: impactos psicossociais da atividade turística em Diamantina- MG. **Revista Turismo em Análise**, v. 25, n. 3, p. 649-676, 2014. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rta/article/view/89485>>. Acesso em: 30 abr. 2018.

SOCIEDADE VEGETARIANA BRASILEIRA. **Vegetarianismo**. Disponível em: <<https://www.svb.org.br/vegetarianismo1>>. Acesso em: 12 jun. 2017.

SUTER, I. C.; HOCKINGS, M.; BAXTER, G. S. Changes in elephant ownership and employment in the Lao PDR: implications for the elephant-based logging and tourism industries. **Human dimensions of wildlife**, v. 18, n. 4, p. 279-291, 2013.

TRIGO, L. G. G. **Entretenimento**: Uma crítica Aberta. São Paulo: Senac São Paulo, 2003.

TROËNG, S.; DREWS, C. **Money Talks**: Economic Aspects of Marine Turtle Use and Conservation. Gland: WWF-International, 2004.

TULIK, O. Recursos naturais e turismo: tendências contemporâneas. **Revista Turismo em Análise**, v. 4, n. 2, p. 26-36, nov. 1993. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/rta/article/view/63088>>. Acesso em: 25 mar. 2018.

VIAGEM E TURISMO. **Mianmar**. Disponível em: <<https://viagemeturismo.abril.com.br/paises/mianmar/>>. Acesso em: 09 maio 2018.

VISIT TRI-CITIES. Disponível em: <<http://www.visittri-cities.com>>. Acesso em: 17 maio 2018.

WILDCRU. **Relatório**. Disponível em: <https://www.worldanimalprotection.org.br/sites/default/files/br_files/documents_br/wildcru_relatorio.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2017.

WWF BRASIL. **O que é um animal silvestre?** Disponível em: <http://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/questoes_ambientais/animais_silvestres/>. Acesso em: 26 jun. 2017.

XCARET MÉXICO. **Encontro interativo com as arraias**. Disponível em: <<http://www.xcaretexperiencias.com.br/atividades/encontro-interativo-com-as-arraias.php>>. Acesso em: 29 maio 2018.

APÊNDICE

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS TURISTAS QUE PARTICIPARAM DE ATRAÇÕES TURÍSTICAS COM ANIMAIS

Pesquisa acadêmica: OS ANIMAIS E O TURISMO: UMA REFLEXÃO SOBRE O USO DOS ANIMAIS COMO ATRATIVIDADE TURÍSTICA

Este questionário é parte integrante do Trabalho de Conclusão do Curso de Turismo da Universidade Feevale. Tem como objetivo investigar a percepção dos turistas em relação à utilização de animais como atrações turísticas.

Salientamos que sua participação é de extrema importância e que sua identidade será preservada.

01. Gênero

☐ Feminino ☐ Masculino ☐ Prefiro não dizer ☐ Outro

02. Estado civil

☐ Solteiro (a) ☐ Casado (a) ☐ Viúvo (a) ☐ Separado (a)

03. Idade

☐ De 18 anos a 29 anos ☐ De 30 anos a 39 anos
☐ De 40 anos a 49 anos ☐ De 50 anos a 59 anos
☐ De 60 anos a 69 anos ☐ Mais de 70 anos

04. Nível de escolaridade

☐ Ensino Fundamental ☐ Ensino Médio
☐ Ensino Superior Incompleto ☐ Ensino Superior Completo

() Pós-Graduação Incompleto () Pós-Graduação Completo

05. Cidade de residência: _____

06. Atividade profissional que exerce: _____

7. Você já assistiu atividades e espetáculos que utilizam animais?

() Sim () Não

7.1 Se sim, indicar a(s) cidade(s): _____

8. Você já realizou atividades turísticas que utilizam animais?

() Sim () Não

8.1 Se sim, indicar a(s) cidade(s): _____

9. Indique onde você assistiu atividades com animais:

() Rodeios

() Circos

() Parques Aquáticos (SeaWorld, Xcaret, etc.)

() Parques Temáticos (Beto Carrero, Animal Kingdom, etc.)

() Zoológicos e Aquários (Luján, Parque das Aves, Pampa Safari, Ceclimar, etc.)

() Outro: _____

10. Indique as atividades que você já realizou com animais:

() Passeio com cavalos, pôneis, burro, jegue, jumento

() Passeio de charrete com tração animal

() Passeio de camelo/dromedário

() Passeio com elefante

() Nado e/ou beijo em golfinhos

() Nado com arraias

() Segurar cobras

- () Foto com animais silvestres domesticados
- () Foto com alpaca/lhama
- () Passar a mão em animais carnívoros (filhotes e adultos)
- () Segurar tartarugas
- () Passeio de trenó puxado por animais na neve
- () Outro: _____

11. Indique na coluna abaixo como você se sente em relação a:

Atividade	Concordo	Não concordo
Animais retirados do seu habitat natural para cativeiro.		
Animais utilizados para carga/transporte.		
Animais silvestres domesticados.		
Animais de grande porte confinados em pequenos espaços.		
Animais convivendo com outros animais que não são da mesma estrutura familiar que a sua.		
Contato exagerado com um ser de outra espécie.		
Estresse causado pela exposição do animal.		
Uso ininterrupto dos animais para o entretenimento.		

12. Como você percebe as atividades realizadas com animais em Destinos Turísticos:

- () Uma das principais atrações turísticas do destino visitado.
- () Fator motivacional na compra da viagem.

() Há uso indevido do animal.

() O animal se torna um objeto e perde seu valor como ser.

13. Utilize o espaço a seguir caso deseje acrescentar algum comentário que julga importante e que não foi questionado: _____